O GLOBO
SPORTIVO
ANO XIV - 3-V-52 - Nº 689
CR$ 3,00

BIBLIOTECA

SEM PROBLEMAS O FUTEBOL BRASILEIRO



Castilho

A Tragédia do CRAQUE

Luiz de CARVALHO

Luiz de Carvalho, na opinião de muitos dos seus conterrâneos, foi o maior forward que o Rio Grande do Sul já deu ao futebol brasileiro. Isso apesar dos Lagarto, Candiota, Moderato, Pirilo, Russo e Tesourinha. Todos gaúchos e todos notáveis jogadores de ataque





Luiz começou em sua terra no terceiro time do Internacional, passando-se depois para o Grêmio, onde chegou ao primeiro time. Em 1929 veio para o Rio, para o Botafogo, depois de já ser scratchmen gaúcho. No Botafogo Luiz de Carvalho teve uma carreira rápida mas brilhante, confirmando a sua fama de artilheiro com um gol em cada match. Raros, muito raros, foram os jogos do Botafogo em que Luiz de Carvalho deixou de marcar gol.



Retornando ainda em 1929 ao R. G. do Sul, Luiz de Carvalho voltou a defender o Grêmio Portoalegrense até 1934. Nesse ano deixou-se seduzir pelo profissionalismo carioca e veio jogar pelo Vasco da Gama, sendo campeão carioca em 34 e 36



Volumoso de físico, gordo mesmo, Luiz de Carvalho manteve-se porem sempre ágil e desempenado durante os seus anos de atividade. Deixando o Vasco após o campeonato de 36 voltou ao Rio Grande, mas ficou mais ou menos afastado dos campos. Em janeiro de 40, porém, foi chamado pelo Grêmio para o internacional com o Independiente de Buenos Aires. E compareceu com o gol da vitória (2 x 1) para o quadro gremista, contribuindo assim para mais um grande feito do futebol gaúcho



NESTE NÚMERO

	Páginas
Bola na rede	3
São Paulo, fonte da Juventude	4
Ademir em dia de folga	4
Consagração pública dos campeões	6
Jogadores e cronistas	8
Êles também suaram as camisas	10
O drama das contusões	12
Tragédia do craque	14
Sem problemas o futebol brasileiro	16
Bilhetes do Leitor	18
Paz às suas almas!	20
Empataram Minas Gerais e Mato Grosso	22
Os capitães das seleções do Brasil	24
O futebol mexicano	25

Na capa: Castilho. Contracapa: Time do Brasil no Chile. Nas capas internas: Amado, num resumo biográfico ilustrado de Gutemberg, e Barbosa, historieta de Otelo.



De JORGE LEAL

DOIS DEDOS DE PROSA

Os campeões invictos das Três Américas tiveram, na tarde e noite de sexta-feira p.p., uma recepção apoteótica. Jamais delegações esportivas brasileiras foram tão festivamente recebidas. Uma consagração popular dessas, trazendo aos quatro cantos da cidade incalculavel massa, há sete anos não se via. Desde o dia 18 de julho de 1945, quando da chegada das Fôrças Expedicionárias Brasileiras, não se presenciava um espetáculo tão emocionante. Conquistara o scratch nacional o seu primeiro título de campeão, no exterior. Daí as justas homenagens recebidas pelos seus integrantes, que assinalaram na história do futebol brasileiro a sua página mais gloriosa. O público soube agradecer e pagar, regiamente, o grande prêmio recebido.

* * *

Pena é que aparecessem — êles não podem faltar, infelizmente — aquêles que se aproveitam dos momentos para mesquinharias. E foi assim que se viu um automóvel com a faixa que elogiava a atuação de Zezé Moreira — muito justificável, até aí — acrescentando haver êle vencido com a sua discutida marcação por zona e sem a "máscara" do Flávio Costa. Êste comparecera ao embarque e levara também o seu abraço amigo de reconhecimento, na chegada. Incentivara seu substituto e os antigos comandados, após cada jôgo, enviando telegramas de apoio. Para tomar conhecimento da referida faixa, entristecido. O próprio Zezé Moreira — a quem de uma feita e muito recentemente fizeram "judas" — foi o primeiro a recriminar ação tão indigna. Disse-nos uma simples frase, que traduziu tôda a sua revolta:

— "Isso é cretinisse sem limites".

AS VÁLVULAS

Dizem que um dos nossos craques campeões pan-americanos, visivelmente contrariado com a impossibilidade de trazer excelente rádio, no seu regresso ao Brasil, comentou para a família:

— Vejam só: em Santiago encontrei um aparêlho maravilhoso; durante nossa curta permanencia em Buenos Aires descobri outro rádio notável. O pior é que eu tinha dinheiro suficiente para adquiri-los.

A mulher, naturalmente, perguntou a razão pela qual não os trouxera. A resposta, deveras "elucidativa", foi pronta:

— As válvulas, de ambos, infelizmente, "só falavam espanhol"...

MELHOR ASSIM

Os paraenses perderam para os gaúchos, no primeiro jôgo, pela ampla contagem de 4x0.

— Melhor assim — dizia-nos um paraense amigo que voltava cabisbaixo de São Paulo, onde fôra assistir à contenda. — "Vocês já pensaram se, por acaso, por uma dessas fatalidades qualquer das quais nem tudo e nem todos estão livres, os nortistas vencessem e eliminassem os gaúchos"?...

— Não seria "interessante e igual" ver-se uma comparação de intermediárias, por exemplo. Os paraenses com Jambo, Zé Maria e Muniz e os bandeirantes com Djalma Santos, Brandãozinho e Bauer...

Mais adiante, completando:

— Esqueço até a ofensiva, quando lembro que a paulista poderá formar com: Julinho — ? (Renato, Antoninho ou outro qualquer) — Baltazar, Pinga e Rodrigues...

SCRATCH "À ALTURA"...

Quando o novo selecionador Zezé Moreira procedeu às requisições dos scratchmen nacionais teve a preocupação de convocar homens de excelente futebol e estatura elevada, duros, pesos-pesados.

— Constituiu o conjunto à sua própria imagem.

— É isso mesmo e com homens como Ipojucan, Eli, Bauer, Oswaldo e outros o sucesso estava garantido: para jogar nos Andes, só um scratch "à altura"...

Peru: Bicho-Papão...

Vocês ainda devem estar bem lembrados daquele "match-nulo" Brasil x Peru, pelo Pan-Americano. A decepção foi tremenda, felizmente compensada pelo resultado final, a conquista suprema do futebol brasileiro. Mais tarde, no certame sul-americano de basquetebol feminino, as representantes brasileiras vinham fazendo bonito. Inclusive aquele triunfo espetacular sôbre as chilenas, que são bi-campeãs. Diante das peruanas, entretanto, elas baquearam surpreendente e decepcionantemente.

A conclusão é a de que o Peru, para nós, brasileiros, deixou de ser um animalzinho simples, inofensivo, transformando-se em autêntico "bicho-papão"...

DOIS "CULEGAS"...

E vem depois a história daquele ciclista que disputava uma competição noturna e foi atropelado por um caminhão. Convenientemente medicado, uma vez refeito do terrível susto, "explicou":

— Aí os faróis... pensei que fossem dois "culegas" e tentei passar entre êles!...

ALETRIA E ALEGRIA

Conta-se o milagre e não se revela o Santo: um dos jogadores integrantes de determinada representação estadual que está disputando o Campeonato Brasileiro de Futebol saiu-se com uma muito boa. No hotel onde se encontra hospedado, nesta capital, chamou o garçon e pediu:

— Traga-me um prato de "Alegria".

Foi um custo para os companheiros explicarem, sem causar maiores embaraços, que o prato deveria ser de "Aletria"...

FELIZ-CHILE-SISSIMO, PRIMO!

E quando os scratchmen nacionais, campeões invictos do primeiro certame das Três Américas, acabaram de desembarcar no aeroporto internacional do Galeão, alguém perguntou ao selecionador Zezé Moreira se êle voltava imensamente feliz. O técnico lembrou-se do primo daquele programa radiofônico e, como viesse da jornada gloriosa de Santiago, fêz ironia:

— "Feliz-Chile-sissimo", primo!...

Baçu e Bananeira...

Uma equipe que tem como centro-médio um jogador chamado Baçu e na meia-direita um Bananeira, empatar de 2 x 2 com a representação das Alterosas, convenhamos, é a completa desmoralização...

TRAÇAIA, TERROR DOS MINEIROS

Antigamente, Minas aparecia em todos os Campeonatos Brasileiros de Futebol fazendo-se representar por seleções valorosas, constituidas à base de jovens. Despontavam sempre quatro, cinco ou seis craques capazes de figurar em qualquer das grandes equipes do país. Por isso eram imediatamente contratados, vindo para os maiores centros: Rio e São Paulo. Tais "sangrias" se fizeram comuns. Mas os mineiros jamais esmoreceram. Antes, pelo contrário, isso facilitava cem por cento uma integral renovação de valores. Hoje, Minas vem disputar as semi-finais trazendo o "vôvô" Lucas na ponta-direita e desprezando jovens de largo futuro para essa posição. Enquanto isso o "aprendiz" Mato Grosso — guiado pela mão segura do veterano Jarbas — surge com um time de elementos que variam entre os 18 e os 23 anos, apenas. Lògicamente, qualquer Traçaia (hoje o terror dos mineiros), contando sòmente dezoito anos de idade, um "netinho", portanto, tem que levar vantagens...



SÃO PAULO. fonte da Juventude

JÁ tem sido sobremodo discutida a baixa média de vida futebolística do jogador brasileiro, mormente em se falando dos craques que militam no futebol carioca. Causa surprêsa sempre que um quadro europeu nos traz jogadores de trinta e tantos anos, que ainda são considerados craques perfeitos nos climas europeus. Aqui, quando o jogador chega aos trinta anos já está veterano, e com o encerramento da carreira à vista, sendo que um número muito limitado de craques consegue entrar fundamente pela casa dos trinta. O verão carioca certamente é o responsavel por grande parte desse desgaste físico que tem um limite inexorável, fixando em pouco mais de dez anos o tempo de duração da carreira do jogador de futebol. Mas se estamos colocando em evidência os inconvenientes que o clima carioca acarreta para a prática do futebol — basta notar o estado em que ficam os jogadores nos dias de jôgo em que o sol é abrasador — é para mostrar um contraste que se observa com outro centro do futebol brasileiro que é São Paulo. Evidentemente, São Paulo não prolonga indefinidamente a vida futebolística dos jogadores, mas o fato é que desde há muito exerce uma influência benéfica, reabilitando craques que em outras cidades eram tidos já como fracassados para os estádios. No passado e no presente muitos foram os craques que ressurgiram em São Paulo, e seu número é suficientemente impressionante para que não se pense em coincidência. A temperatura paulista ajuda, e o jogador transferido para a paulicéia cedo cria novas fôrças e suas qualidades técnicas voltam aos melhores dias da carreira. Diante disso, pode-se pensar que os gramados bandeirantes são para os jogadores de futebol como que a tão procurada fonte de juventude.



HÉLVIO

O PASSADO ENCORAJA OS CLUBES PAULISTAS

OS clubes paulistas não têm maiores preocupações com a conquista de jogadores que já estão mais ou menos fora de cogitações para o futebol. O passado ensina, com abundância de exemplos, que jogadores nessas condições podem perfeitamente vir a jogar outra vez na plenitude de suas qualidades técnicas. Quem não se lembra, por exemplo, do caso de Og, há cerca de dez anos atrás. O jogador que brilhara no Rio pareceu em certa época acabado para os tricolores, que não opuseram grandes empecilhos à sua ida para São Paulo. Pois bem, o fracassado Og Moreira conquistou outra vez a posição que seu futebol lhe havia granjeado, chegando a formar entre os mais destacados centro-médios de São Paulo. A recuperação de Og foi completa, e por fim o Fluminense passou a cobiçar seu antigo jogador, acabando por conseguir a sua volta. Todavia, não contava o Fluminense com uma nova queda de produção do jogador, pois que, deixando São Paulo, Og Moreira não conseguiu mais reeditar as suas performances de craque. Outro exemplo é o de Noronha, considerado sem capacidade para integrar a equipe do Vasco, mas que ressurgiu em São Paulo como um dos melhores centro-médios. E de antigamente há também jogadores que não eram apenas do Rio, como Lola, considerado imprestavel no Atlético Mineiro, e Chico Preto, que parecia ter encerrado sua carreira no Siderúrgica. Ambos foram bons jogadores nos clubes bandeirantes.



CABEÇÃO

ACOLHIMENTO PARA OS QUE DEIXAM O RIO

OS gramados cariocas sempre constituiram a atração máxima dos jogadores brasileiros. Talvez essa influência agora seja menos acentuada, com a conservação no futebol bandeirante, de muitos jogadores formados por lá. Mas vez por outra, quando um jogador carioca não encontrava ambiente no Rio, São Paulo imediatamente o acolhia, como aconteceu a Ruy; o Fluminense não se empenhou em resolver uma situação de choque criada com o jogador, e achou preferivel vendê-lo para São Paulo, sem prever talvez que êle viesse a ser o grande craque de anos depois. De forma um pouco diferente, Jair também foi para São Paulo, depois de uma como que peregrinação, sendo que o Flamengo chegou ao extremo de responsabilizá-lo diretamente pelas derrotas, havendo inclusive a famosa queima da camisa. Leonidas não deixou de ser também um jogador que teve em São Paulo uma segunda fase de sua carreira. Um caso mais recente e interessante é certamente o de Rodrigues, o



PONCE DE LEON

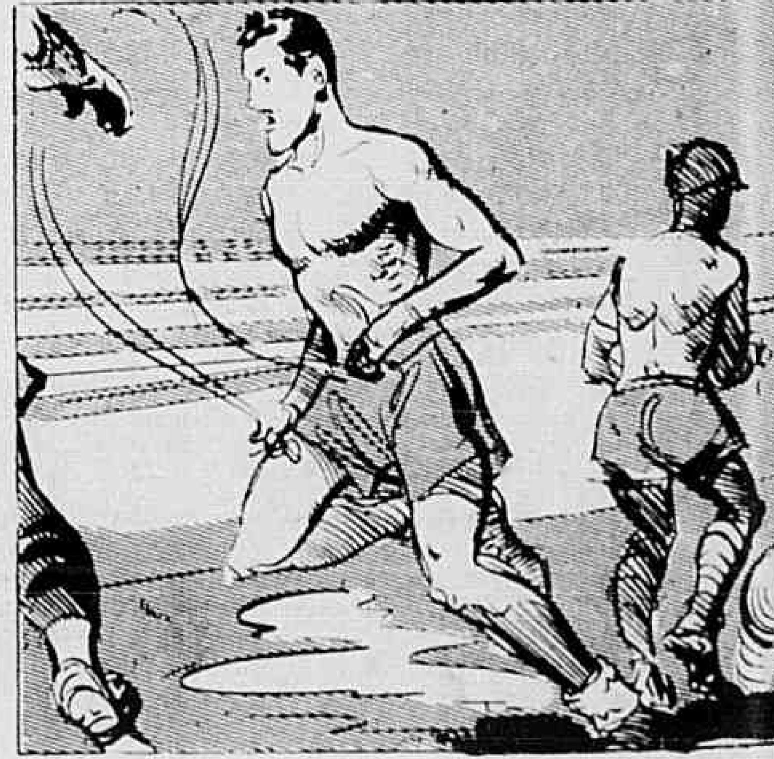
UM CRAQUE EM DIA DE FOLGA ...



É comum a todos nós o gôsto por determinado dia da semana, sempre motivado por um descanso, um divertimento ou outro motivo qualquer. Os jogadores de futebol, com obrigações de treinos e concentrações, além dos jogos de futebol, têm, entretanto, o seu dia feliz.



Para Ademir, há um dia da semana que êle especialmente preza. Com tantos anos de futebol, é na quinta-feira, quase sempre sem treinos e na véspera da concentração, que Ademir procura esquecer da bola. É o seu domingo, o dia dos passeios.



Antes de chegar a quinta-feira, geralmente Ademir já combinou com a espôsa um passeio, e logo de manhãzinha o motor de seu automóvel está funcionando para a viagem, que durará enquanto o sol estiver de fora.

O PASSADO ENCORAJA OS CLUBES PAULISTAS — ACOLHIMENTO PARA OS QUE DEIXAM O RIO — A TURMA CARIOCA DO SANTOS

Texto de JOSÉ LUIZ PINTO

ponteiro que foi super-campeão pelo Fluminense, mas que inexplicavelmente a direção tricolor achou um bom negócio vendendo-o por cerca de quatrocentos mil cruzeiros. O ponteiro parecia não corresponder aos desejos do tricolor, embora tenha vindo depois a sagrar-se várias vêzes campeão pelo Palmeiras, inclusive vencendo a Copa Rio. Quando veio a seleção para o Pan-Americano seu nome foi incluido no scratch titular, e suas atuações corresponderam plenamente aos interesses de Zezé Moreira. Há pouco tempo chegaram a circular rumores sôbre o retorno de Rodrigues às Laranjeiras, embora nada se tenha positivado. O fato é que Rodrigues, embora não fosse um jogador fracassado, alcançou suas maiores glórias esportivas depois de se integrar ao ambiente bandeirante.



SIMÕES

A TURMA CARIOCA DO SANTOS

POR sinal que o Fluminense tem sido um dos clubes que mais tem fornecido jogadores em condições mais ou menos semelhantes. Helvio tinha tudo para ser um grande zagueiro, e, inclusive, agradava aos tricolores. Mas não teve maior oportunidade e acabou indo para o Santos, onde se integrou perfeitamente, chegando a ser considerado como um dos primeiros backs do futebol paulista. Da equipe super-campeã de 46, Robertinho foi outro a transferir-se para o plantel do Santos, e até há algum tempo era o titular do arco. Pascoal foi outro e, embora estivesse no Fluminense em condições de prestar ainda muitos serviços, os dirigentes acharam preferivel negociá-lo, já que o Santos mostrava tanto interesse naquele intercambio. E até hoje Pascoal é um dos primeiros craques do Santos, continuando em excelente forma, a despeito dos anos que passaram. Mais recentemente tivemos Tite e 109, dois jogadores que, apesar das oportunidades que tiveram no clube das Laranjeiras, não lograram firmar-se nos quadros tricolores. Negociados com o Santos, Tite e 109 passaram a formar como bons jogadores de uma linha atacante viva e perigosa, que aliás tivemos ocasião de ver aqui no Torneio Rio-São Paulo.

TITE

Tivemos também Simões, que no Fluminense apareceu quando declinava Tim. Chegou a ser considerado como o substituto de "El Peon", mas não conseguiu elevar o nivel técnico de suas atuações. O caminho foi o mesmo e Simões quando chegou ao Santos ocupou o pôsto titular enquanto lá esteve, até que o Bangu, à cata de bons jogadores, interessou-se por êle. Voltando ao Rio, não conseguiu sucesso outra vez, e o resto da sua história já foge um pouco ao sentido da reportagem, pois que Simões depois de largo afastamento ressurgiu fazendo misérias no Bonsucesso, e acabou retornando ao Fluminense para uma nova fase auspiciosa de sua carreira.



OG

Para citar mais um jogador que São Paulo projetou podemos falar em Ponce de Leon, que nada conseguiu aqui no Rio, para chegar em S. Paulo conseguindo algum destaque.

O SUSTO

Slapsie Maxie Rosenbloom, lutador veterano e retirado da profissão, pilheriava com seu companheiro Max Baer sôbre a derrota que êste havia sofrido na luta contra Joe Louis. O lutador levava a brincadeira com bom humor, embora no íntimo não estivesse nada satisfeito com aquilo.

— Pode dizer tudo o que quiser — disse êle a Rosenbloom — Mas mesmo assim preguei um susto tremendo em Joe Louis.

— Pregou mesmo — replicou o outro. — Por um instante êle pensou que você estivesse morto.

ADEMIR FORA DO GRAMADO



Aliás, para sermos mais precisos, nem são propriamente viagens, mas passeios a locais pitorescos, que muitas vêzes são os pontos de turismo carioca, onde pode haver descanso, com um mínimo de relação com a vida que trepida lá em baixo, na cidade.



Outras vêzes, há disposição para ir mais longe, e Petrópolis ou Teresópolis aparecem como locais preferidos pelo casal, onde por algumas horas Ademir esquece os dias de atividade de toda a semana, sem pensar no próximo jôgo, que às vêzes tem influência decisiva para o Vasco.



Nessas quintas-feiras, Ademir só volta à casa para preparar-se para nova saída, que sempre inclui um jantar fora, com o complemento de um cinema ou teatro. E a quinta-feira chega a suas últimas horas, fazendo com que Ademir volte à realidade, pense no dia seguinte em que a concentração e as preocupações do jôgo mobilizam todos os jogadores.



Quando os torcedores puderam, trataram de segurar e abraçar seus ídolos. No flagrante, Zezé Moreira e Castilho colhidos num dêsses momentos em que alguns felizardos conseguiam um instante ao lado dos campeões pan-americanos.



Até que chegassemos a êsse momento muito tempo se passou e os craques, apesar de já estarem pisando a terra, estiveram fechados no avião. Depois a descida triunfal, em que aparecem, de baixo para cima, Zezé Moreira, Irineu Chaves, Rodrigues, o Dr. Paes Barreto, Didi, Bauer, Oswaldo, e mais acima o massagista Mário Américo.

Consagração Pública dos CAMPEÕES

A VITÓRIA sensacional em terra estranha, vencendo os tropeços naturais das lutas esportivas em campos de outras terras, provocou uma intensa animação popular, que tinha a data marcada para sua eclosão com a chegada triunfal dos craques campeões pan-americanos. As festas de recepção tiveram um carinhoso preparo e o público compareceu em massa para ver os seus craques. Para se ter uma impressão real do que foi a massa de torcedores que se espalhou por todo o trecho do itinerario previsto para o desfile, deve-se esclarecer que, desde a chegada da FEB, não havia sido vista igual multidão pelas ruas da cidade. E assim, desde o Galeão até ao Palácio Guanabara, o povo não se importou de ficar horas e horas, para assistir ao esperado desfile. Aliás, o carinhoso preparo a que aludimos acima não correspondeu na prática, porque de fato imperou a desorganização no desfile, e os torcedores só não se aborreceram porque muito era o entusiasmo que os levava às ruas. Mas afinal, quando se fêz as contas, o avião que trouxe os craques de Buenos Aires levou apenas cinco horas, enquanto que um simples trajeto pela cidade levou êsse tempo ou mais até. Pena, portanto, que uma festa dessas, que o torcedor carioca esperava há vários dias, não tivesse todo o esplendor possivel. Mas de qualquer forma, foi uma grande afirmação do entusiasmo popular pela conquista de Santiago, e o Rio viveu uma noite sensacional, ficando claro que o público carioca está grato ao feito de seus heróis esportivos.

EM SOLO BRASILEIRO OS CAMPEÕES

Mais ou menos à hora marcada, apareceu o "Constelation", descendo na larga pista do Galeão. O novo aeroporto estava verdadeiramente invadido pela multidão, e, ao longo da ponte e pelos pátios do aeroporto, verdadeiro mar de automóveis tudo cobria, enquanto do outro lado, uma massa humana fazia todos os esforços para ver alguma coisa.

Parou o avião, e as cerimônias que haviam sido programadas redundaram em fracasso, porque se verificou uma corida louca para o aparelho, enquanto o ministro Simões Filho, para dar as boas vindas aos craques, teve que ser garantido por uma fôrça da Aeronáutica. E depois de tôda sorte de balburdias, em que os jogadores estiveram quase abandonados, porque os que os foram receber pareciam mais interessados em posar para os fotógrafos do que tomar as providências necessárias, houve a saida descontrolada do desfile, com os automóveis tomando as duas mãos da ponte. E o pior é que o torcedor não conseguia ver seus craques, e quando o desfile se tornou mais intenso na Avenida Brasil, chegou-se à constatação de que só se viam os carros dos dirigentes e as camionetes dos jornais, enquanto que os automóveis que conduziam os jogadores estavam perdidos lá por trás. Afinal, graças aos esforços de algumas pessoas, e com a ajuda do comandante do choque da Polícia Especial, em motocicleta, foi feita a caçada aos carros dos craques, numa tentativa de reorganizar o desfile. E quando aquela massa incalculável chegou à entrada da Avenida Presidente Vargas, já haviam sido con-

(Conclui na pág. 23)



Ademir, que pelas suas atuações foi um dos grandes ases nas vitórias de Santiago, inclusive decidindo a partida com o Chile, aparece de volta à pátria, empunhando a bandeira que esteve sempre presente no pensamento dos craques campeões.



Depois de tantas horas de cansaço, alguns jogadores puderam ir até ao final da solenidade, e aí vemos o Prefeito João Carlos Vital fazendo a saudação aos jogadores, aparecendo Zezé Moreira, Pinheiro, e, por trás do técnico, Castilho.

Jogadores e Cronistas



ARY BARROSO

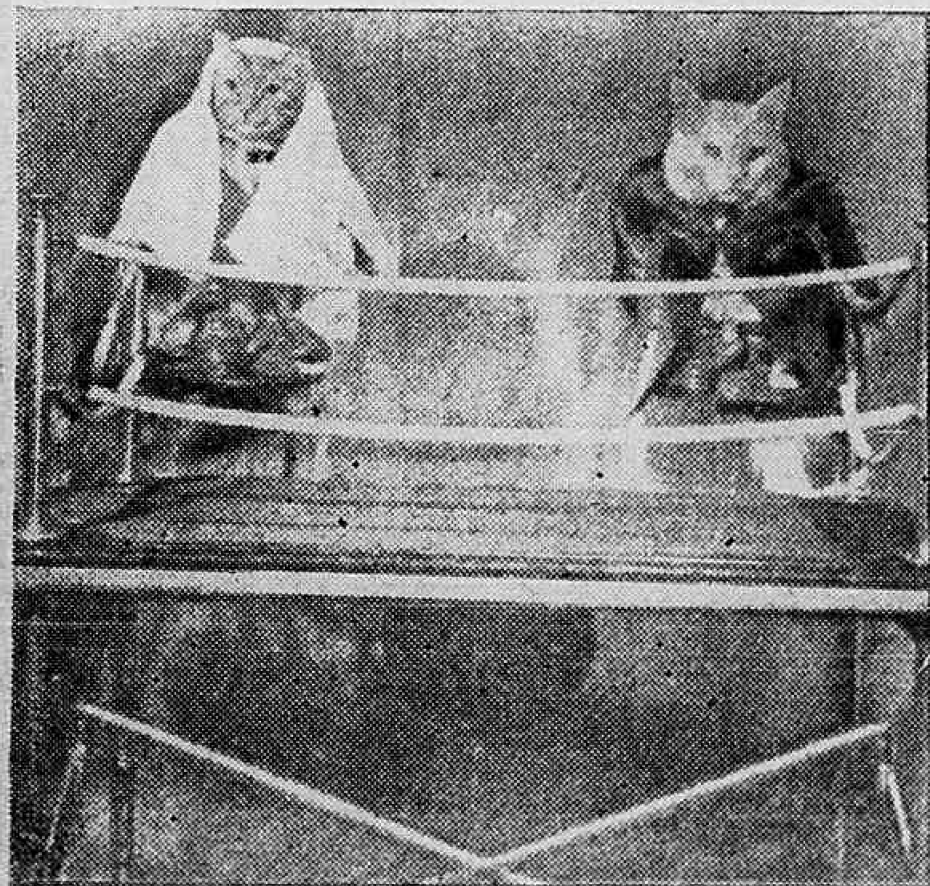


PIRILO

NO futebol, jogador e cronista são fatores importantes, pois, se o craque é a essência do futebol, o cronista tem a missão, também fundamental, de levar o jogador ao público, que por si só apenas pode ver seus jogadores de longe, nos estádios. Daí se entender logo à primeira vista quão importantes são as relações normais entre cronistas e jogadores, pela necessidade de um contacto quase diário, sendo de destacar-se que a missão jornalística influi fundamente na massa dos torcedores, que apenas conhece o ambiente futebolístico em sua superfície, e lògicamente tem uma capacidade receptiva muito acentuada. Não é raro ouvir-se num grupo de torcedores comentários sôbre tal ou qual assunto, envolvendo determinado jogador com base no noticiário que está sendo lido numa página esportiva. Fácil de compreender o alcance de qualquer comentário ou campanha encetada por cronistas, envolvendo jogadores e clubes, e daí também a conclusão de que é êsse um assunto delicado de abordar, quando se pensa em relatar o descontentamento de alguns jogadores mais ou menos duramente atingidos por colegas de imprensa. Fomos levados a tratar das relações entre cronistas e jogadores pela sinceridade das muitas queixas que a intimidade com os craques permitiu nos fôssem feitas, talvez, mais em tom de estranheza por certas alusões feitas, do que propriamente queixas. Mas a evidência, essa é de que os jogadores ficam sentidos com muitas expressões usadas por jornalistas, mormente pelos locutores, que às vêzes não titubeiam em fazer afirmações de tôda ordem em tôrno do nome de um craque, só porque êle está jogando mal. Êsse é o ponto essencial, pois os jogadores não crêem ser infalíveis e aceitam a crítica, por severa que seja, mas desde que se baseie em fatos do momento, isto é, do jôgo que está em curso.

QUESTÃO DE CERTIDÃO DE IDADE...

ESSE subtítulo assim sem pé nem cabeça tem muita relação com o motivo desta reportagem, porque foi inspirado pela conversa que mantivemos com Pirilo. O jogador botafoguense, após tantos anos de futebol, guardou algumas magoas, e várias, talvez a maior parte delas, por fôrça de críticas injustas de que foi alvo seu nome. Ultimamente então as alusões à sua idade, à sua condição



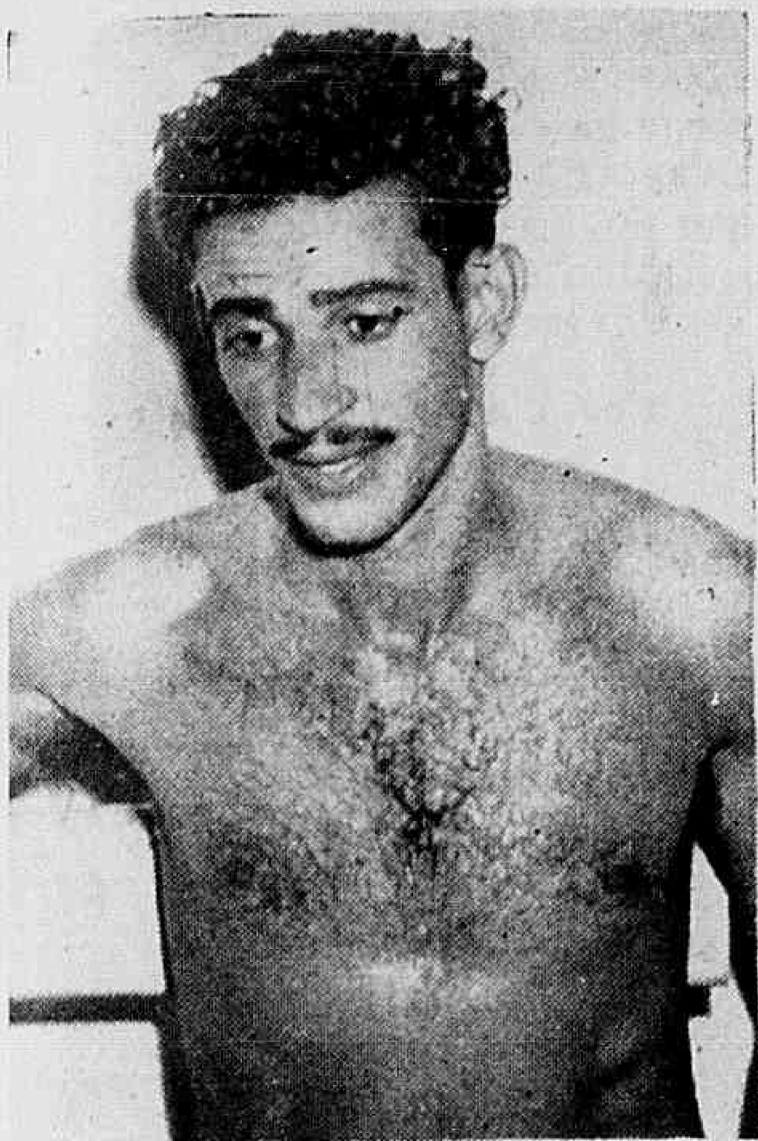
ATENÇÃO! Grande luta em três rounds, entre Bichano e Felino. Ambos já passaram pela pesagem e se acham em excelente forma. O treino foi dos mais rigorosos.



Um "uppercut" de Bichano que é respondido por Felino. Os adversários miam constantemente, miados que parecem rugidos de feras enfurecidas.



Felino vê-se acuado num canto do ring, sem poder escapar da chuva de murros que despenca das patas do terrível Bichano. Situação perigosa!



I P O J U C A N



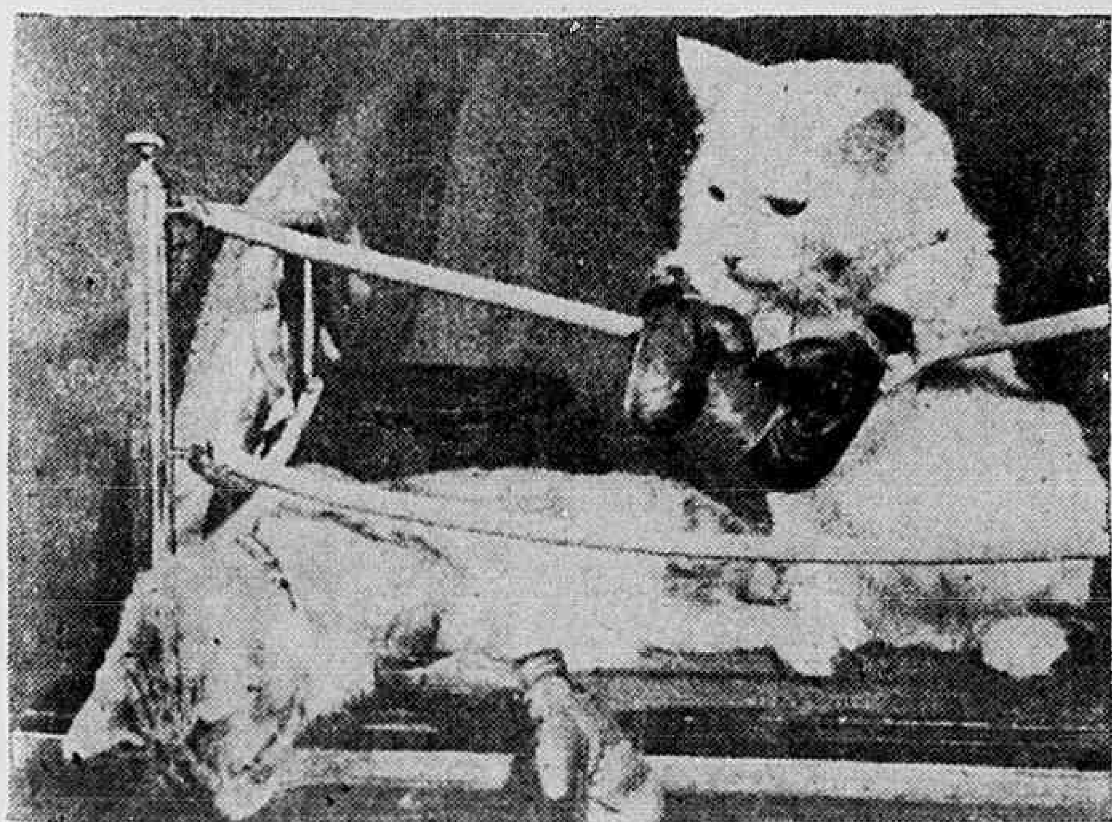
J O E L



E S Q U E R D I N H A

de veterano, são obrigatórias quando se quer falar no renomado jogador. Quando Pirilo erra uma jogada qualquer, não falta locutor que expresse sua estranheza na continuação do aproveitamento de jogador tão velho. E até, quando de uma das boas exibições do Botafogo no recente torneio Rio-São Paulo, invocou-se o tempo chuvoso e úmido como restaurador das energias dos velhos... Pirilo historia a sua incompreensão com os locutores da seguinte forma:

"Imaginem que, depois de tanta gente arriscar os mais incriveis palpites sôbre minha idade, um dia aparecesse uma certidão, falsa que fosse, dizendo que Silvio Pirilo não conta atualmente mais do que trinta anos de idade. Estou certo que os locutores que enchem a bôca para dizer que eu nada valho mais, que estou sem fôrças para correr, passariam a considerar que eu joguei mal apenas por estar fora de forma... Pirilo lembra que êle e outros tantos jogadores de futebol são simples profissionais, que ali estão ganhando a vida e que, passiveis de crítica por uma jogada errada ou uma tarde negra, bem poderá acontecer que um motivo íntimo e poderoso influiu para essa atuação, pois que nenhum jogador erra de propósito.



O K. O., depois de apanhar "p'ra cachorro". O vencedor, Bichano, contempla sereno e altivo o inimigo tombado. É uma pose digna de um campeão de todos os pesos dos gatos parisienses.

O BATE-PAPO FRUSTRADO DO LOCUTOR

CONTARAM-NOS vários jogadores do Flamengo um fato interessante, verificado numa das concentrações do Flamengo. O locutor Ary Barroso não faz segrêdo para ninguém de suas simpatias rubro-negras, mas nem por isso deixa de estigmatizar os próprios jogadores do clube quando as coisas não dão certo e o Flamengo está perdendo. O locutor da gaitinha habituou-se a glosar em piadas as falhas dos jogadores, e estes evidentemente não ficam satisfeitos com a história. Acontece que Ary Barroso, passada a raiva de uma derrota ou má atuação, volta a ser o mesmo Flamengo doente que era antes, e por isso uma das coisas que mais aprecia é um bate-papo íntimo com os jogadores, nos vagares de uma visita à concentração. Tanto assim que êle chega, ou mais propriamente, chegava à concentração dirigindo-se logo para as rodas de craques rubro-negros, querendo encetar uma conversação agradável. Todavia, além dos boas-tardes ou boas-noites, era apenas Ary quem falava. E aos poucos, um a um, os jogadores iam saindo de perto, até que o locutor ficava sòzinho, restando-lhe apenas a saida de conversar com Flávio. Hoje em dia êle já desistiu dessas palestras com os jogadores, indo logo à chegada ao local onde esteja o treinador rubro-negro...

IPOJUCAN NÃO É SUGA-SANGUE

A PERSONALIDADE de Ipojucan é algo diferente da totalidade dos jogadores. Calado, falando pouco, tratando a quantos não tem uma intimidade franca, de senhor, Ipojucan um dia perguntou-nos, preocupado, se havíamos escrito que êle era chupa-sangue. Foi logo depois daquele jôgo com o Santos, em que Ipojucan, jogando mal, de repente em duas jogadas sensacionais ensejou que em poucos minutos o Vasco decidisse uma partida que estava de prognóstico difícil. Ipojucan foi o herói da tarde, e logicamente a figura central da maioria dos comentários dos cronistas esportivos. Acontece que disseram a Ipojucan que havia saído num jornal um artigo dizendo que êle era chupa-sangue, daí a sua aflição. Fomos apurar e chegamos à conclusão de que Ipojucan fôra apenas mal informado, de vez que na crônica aludida justamente seu autor procurava demonstrar que Ipojucan, apesar de seu modo de jogar um tanto descansado, nem por isso podia ser considerado um jogador chupa-sangue.

A POPULARIDADE DE ESQUERDINHA

O PONTEIRO rubro-negro foi alvo de uma série de piadas que nada teriam de mais se ficassem no terreno da blague. Entretanto, dada a popularidade de Esquerdinha por meio dêsses ditos, houve cronistas que, dando opinião sôbre jogos, referiam-se a Esquerdinha de maneira jocosa ao criticar suas falhas de jogador em campo, tão sérias como as dos restantes jogadores rubro-negros. Certa feita, Esquerdinha estava visivelmente contrariado, justamente por haver conquistado um gol. Evidentemente não era o gol em si, mas o pretexto que serviu para um desses comentários jocosos, que Esquerdinha considerou ofensivo em seu fundo. É que, comentando o goal, um cronista estranhava que Esquerdinha fôsse capaz de um jogada inteligente, e, para completar a obra, o inteligente ainda vinha entre aspas... Aliás, nessa mesma ocasião, o próprio ponteiro rubro-negro comentou a injustiça que se fêz há tempos com o jogador Joel, do Fluminense. Entrando num quadro lider, sem lograr acertar, o ponteiro tricolor foi impiedosamente considerado inutil por vários jornalistas. Esquerdinha afirmou que o caso não fôra seu e mal conhecia Joel, mas o acontecido, ainda assim, o desgostara profundamente.

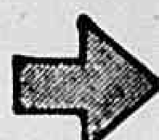
Aludiamos acima ao tema ingrato desta reportagem, e certamente depois dos fatos que narramos, talvez muitos confrades ficarão pouco satisfeitos. Mas a realidade é essa, e nunca será inoportuna a tentativa de esclarecer os que não concebem uma crítica construtiva. Em muitos casos sabemos que êsses cronistas que tratam assim os jogadores nunca aparecem em treinos ou concentrações para fazer reportagem, daí o nosso objetivo, também, de esclarecê-los sôbre o conceito em que são tidos, na esperança de que modifiquem essa forma de crítica, áspera e sem qualquer finalidade louvavel.

Êles também suaram as camisas...

O QUE FORAM COMO ATLETAS OS ALTOS PAREDROS DESPORTIVOS DOS DIAS DE HOJE — RIVADAVIA CORRÊA MEIER, PRESIDENTE DA C. B. D., FOI MEIA-DIREITA DE GRANDE CARTAZ — VARGAS NETTO TAMBÉM FOI MEIA-DIREITA DO INTERNACIONAL — CASTELO BRANCO VEIO DO REMO, SILVIO PADILHA DO ATLETISMO E BENICIO FERREIRA DO BASQUETE.

De CARLOS ARÊAS





Nem todos os paredros do futebol dos dias de hoje nasceram paredros. Muitos dêles, acreditamos mesmo que a maioria dêles, vieram da tarimba dos gramados, das piscinas, dos barcos a remo. Tiraram o seu curso desportivo nas competições ao vivo, como atletas militantes. De um modo geral essas atividades foram, porém, exercidas há muitos e muitos anos. E talvez um grande número dos que acompanham os desportos nos dias de hoje não conheça o passado desses homens que respondem pela direção dos desportos nas entidades ou nos clubes. Por isso decidimos lembrar numa reportagem o que foram os dirigentes desportivos de hoje como atletas militantes do passado. E o fazemos neste trabalho como uma ilustração para o público desportista e como uma homenagem aos que já deram seus esforços aos desportos, correndo, nadando, remando ou chutando, no passado, e que hoje, de cabelos brancos ou apenas folheados a branco, continuam servindo aos desportos nos postos de direção, onde o esforço muitas vêzes é tão grande quanto os dos atletas militantes.

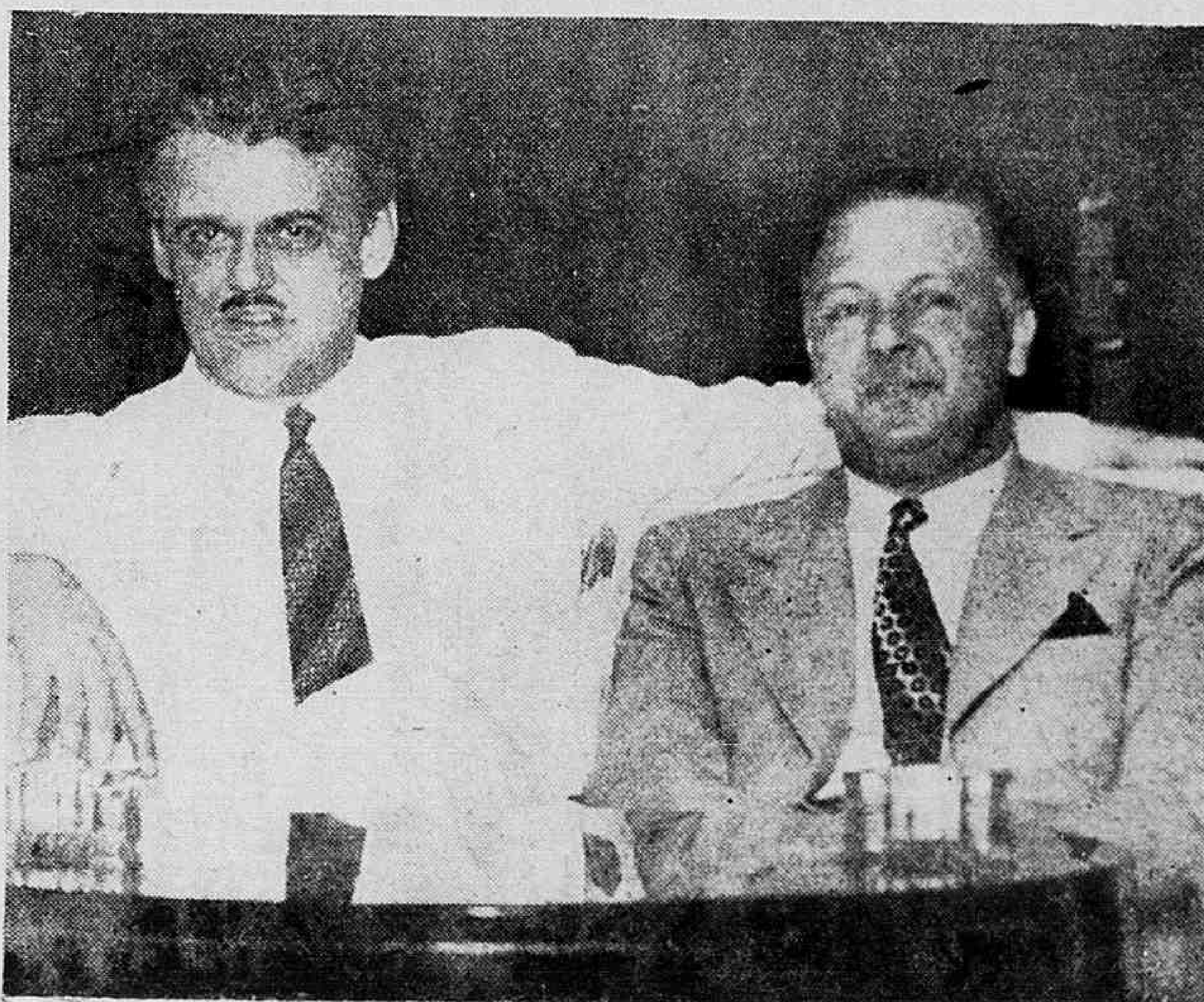
À direita: Pedrosa foi quiper da seleção brasileira na Copa do Mundo em 1934, época em que foi feita esta foto. Hoje, é presidente da Federação Paulista.
Em baixo: Rivadavia Corrêa Meier foi um ás nas quatro linhas de campo como o seria depois nos postos de mando dos clubes e entidades. Foi meia-direita e dos bons, até 1923, o presidente da C. B. D. que sucedeu a Luiz Aranha, na entidade máxima.

RIVADAVIA FOI CRAQUE DO FUTEBOL

VAMOS começar pela figura do presidente da Confederação Brasileira de Desportos: Rivadavia Corrêa Meier. Riva, como era conhecido então, foi craque de verdade do futebol. Começou infantil no Botafogo e acabou no primeiro time do mesmo. Não conheceu outra camisa em sua carreira de futeboler. Jogou no time infantil em 1916 e 1917, no terceiro time em 1918, no segundo time em 1919 e 1920, para surgir no primeiro quadro em 1921, sempre tendo ao seu lado na ponta-direita o hoje médico prestigiado e vereador Joaquim Antonio Leite de Castro. Desde o infantil de 1916 até o primeiro time de 1921 a ala direita Leite e Riva subiu sempre junta. Em 22 Rivadavia não jogou, ficando Leite de Castro com Alkindar na meia. Mas em 23, em face da cisão registrada no seio dos jogadores do Botafogo, Rivadavia voltou a jogar, reaparecendo numa tarde sensacional em que o Botafogo venceu o Fluminense por 5 x 3. Jogou até o princípio do returno, afastando-se quando voltou a paz interna ao clube e o Botafogo, novamente com seus jogadores de maior cartaz, pôde dispensar os seus préstimos. Deixando de jogar continuou servindo ao seu clube como dirigente, passando depois a ocupar cargos nas entidades, até chegar à presidência da C. B. D., que ainda hoje ocupa. Em sua vida de paredro tem duas grandes páginas: — a da Copa Rio Branco de 32 e a da Copa do Mundo de 50.

MARIO POLLO FOI EXTREMA-DIREITA E REMADOR

NA vice-presidência da C. B. D. encontramos hoje o Sr. Mario Pollo, que todo o mundo sabe ser paredro há longos anos, como dirigente de entidades e como dirigente do seu clube: o Fluminense. O que pouca gente sabe, porém, é que Mario Polo foi também jogador de futebol. Não um craque de projeção, pois nem chegou ao primeiro





Vargas Netto suou camisas, jogando futebol em seus "pagos" — no Rio Grande do Sul. E esta foto histórica documenta a atividade do presidente do C. N. D. como futeboler.

time, como êle honestamente faz questão de frisar. Mas jogou bola e na ponta-direita do segundo time do Fluminense por alguns anos. Além de futeboler do Fluminense, Mario Pollo foi, também, e aí vai outra revelação, defensor do Flamengo. Sim, senhores, além de ponta-direita tricolor, Mario Pollo foi remador rubro-negro, participando de competições oficiais numa guarnição de "quatro".

Castelo Branco não foi jogador de futebol. Mas foi campeão de remo e de volei. Como dirigente, porém, tem dado muito pelo esporte-rei.



VARGAS NETTO, MEIA-DIREITA NOS PAMPAS

OUTRO paredro, dos mais proeminentes, que também passou pelos gramados de futebol, calçou chuteiras e deu seus tiros em gol, foi Vargas Netto. O ex-presidente da Federação Metropolitana de Futebol e atual presidente do orgão oficial dos desportos, que é o Conselho Nacional dos Desportos, não atuou porém aqui no Rio. Vargas Netto foi futeboler em sua própria terra natal — o Rio Grande do Sul — atuando na linha de forwards do Internacional, preferencialmente na meia-direita. Como Mario Pollo, porém, não chegou ao primeiro time. Mas de qualquer forma saiu da tarimba dos gramados para os cargos de direção nos clubes e entidades.

CASTELO BRANCO, CAMPEÃO DE REMO E DE VOLEI

NÃO há quem não conheça atualmente o Sr. Castelo Branco (Dr. José Maria de Mello Castelo Branco) como um dos mais trabalhadores e dedicados dirigentes da C. B. D., presidente do seu Conselho Técnico de Futebol há longos, como o fôra diretor de desportos terrestres e ex-presidente da Federação Brasileira de Futebol. Pois bem, em tempos que já vão longe (desculpe a indiscrição da afirmativa, Dr. Castelo) o Dr. Castelo Branco foi também um campeão dos desportos. Interessante, porém, é que, embora hoje só cuide de futebol, em seus tempos de atleta militante o Sr. Castelo Branco não era dos gramados, nem das chuteiras. Era do remo, em que foi campeão pelo C. R. São Cristovão, e do voleibol, em que também foi campeão pelo São Cristovão A. C. E do remo e do volei é que passou para os postos de direção nas entidades, até acabar arraigado no futebol, que o absorveu por completo dos seus esportes iniciais e nos quais temperou a resistência do seu organismo.

PEDROSA DISPUTOU A COPA DO MUNDO DE 1934

PAREDRO dos mais influentes no âmbito nacional, pela distinção e firmeza das suas atitudes, embora atualmente só dedicado à Federação Paulista de Futebol, Roberto Pedrosa é outro valor dirigente que saiu da tarimba dos campos de futebol. Começou no Rio como quiper do Botafogo e nessa situação chegou ao scratch brasileiro que disputou a Copa do Mundo de 1934, na Itália. Era Pedrosa um quiper de grandes qualidades realmente, vindo a ratificar como dirigente as qualidades que mostrara como desportista praticante. Transferindo-se para São Paulo, Roberto Pedrosa ingressou no tricolor bandeirante como quiper durante alguns anos, passando depois a dirigente. Chegou à presidencia do clube e depois à presidência da Federação Paulista, onde ainda se conserva. Dos dirigentes atuais é talvez o que tenha tido mais recente atuação militante nos gramados.

ALBERTO BORGERTH, CENTER-FORWARD E ZAGUEIRO

VETERANISSIMO dos desportos cariocas, campeão pelo Fluminense em 1911, fundador da seção de futebol do Flamengo em 1912, Alberto Borgerth, o penúltimo presidente da Federação Metropolitana de Futebol e que atualmente está como juiz do Superior Tribunal de Justiça Desportiva, começou como dirigente no clube rubro-negro, servindo depois na AMEA e na CBD. Como atleta militante, Borgerth dedicou-se mais ao futebol, tendo sido center-forward e zagueiro. Como centerforward integrou mesmo as seleções brasileira e carioca por várias vêzes, inclusive em partidas internacionais.

POVOA, DUAS VÊZES CAMPEÃO CARIOCA

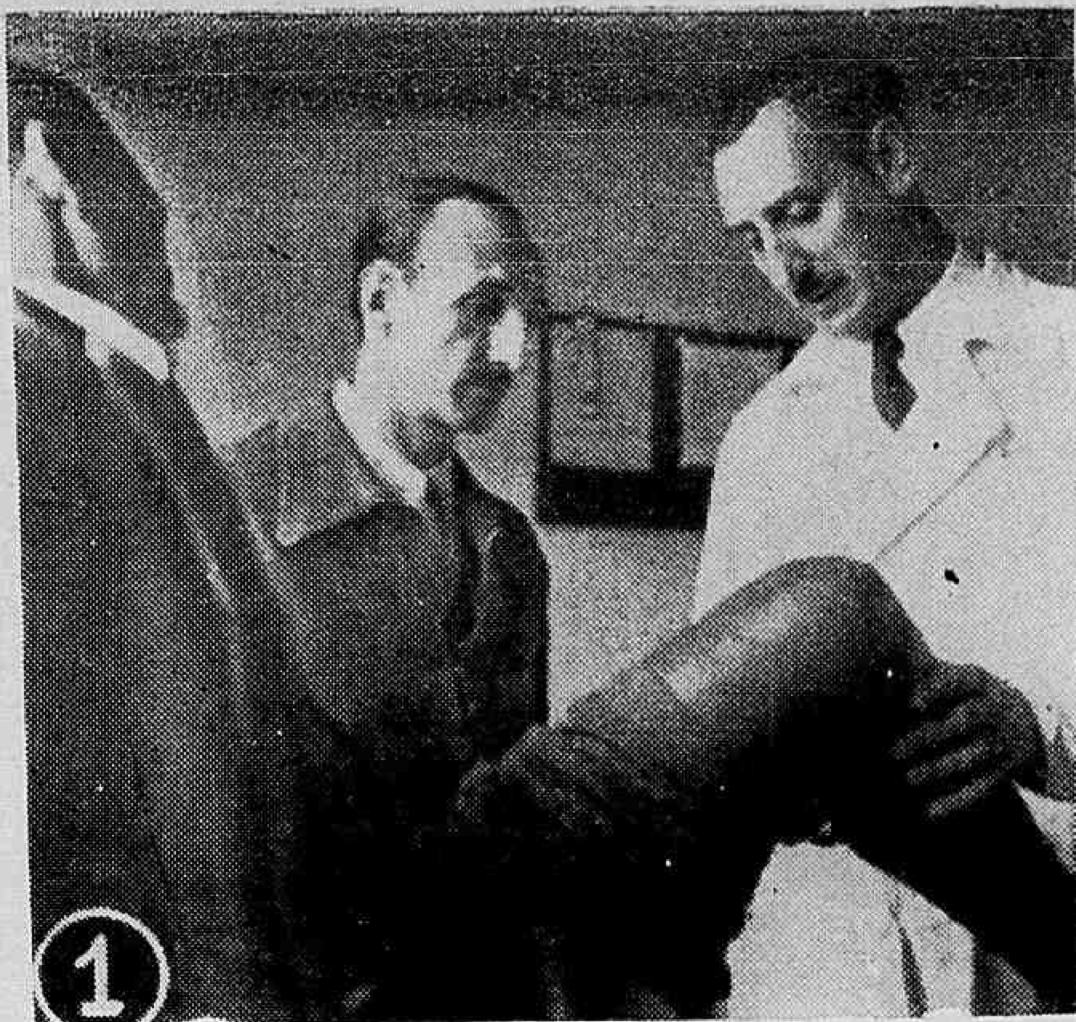
O EX-PRESIDENTE do Vasco da Gama, coronel Otavio Menezes Povoa, foi também futeboler de cartaz no seu tempo de atividade nas canchas. Povoa foi zagueiro-direito tôda a vida e campeão da cidade por duas vêzes. Na primeira em 1926 integrando o quadro do S. Cristovão e na segunda em 1930 jogando pelo Botafogo. Como paredro Povoa apareceu no Vasco, chegando à presidência do clube de São Januário.

SILVIO PADILHA FOI CAMPEÃO DE BARREIRAS

SILVIO PADILHA, êsse grande dirigente da Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo, há tantos anos, e que forma entre os mais hábeis administradores e paredros desportivos do momento, foi até pouco tempo uma das expressões máximas do nosso atletismo. Foi o capitão Padilha especialista em corridas de barreiras, campeão brasileiro e sul-americano e participante de olimpiadas. E deu grandes vitórias ao Brasil como atleta, brilhando nas pistas como brilha hoje nos gabinetes de direção.

CARLITO ROCHA, CENTER-HALF E REMADOR

NINGUEM desconhece também que Carlito Rocha, o ex-presidente do Botafogo e que foi o sustentáculo da C. B. D. na época da cisão, foi um grande atleta na sua mocidade. Foi center-half do Botafogo, substituindo a seu irmão Lulu Rocha, igualmente center-half, e foi também remador e water-polo-player, defendendo no mar as cores do Guanabara. Depois que passou a "paredrar" dedicou-se mais às coisas do futebol, embora tenha sido não faz muito tempo presidente da Federação de Remo. (Conclui na página 19)

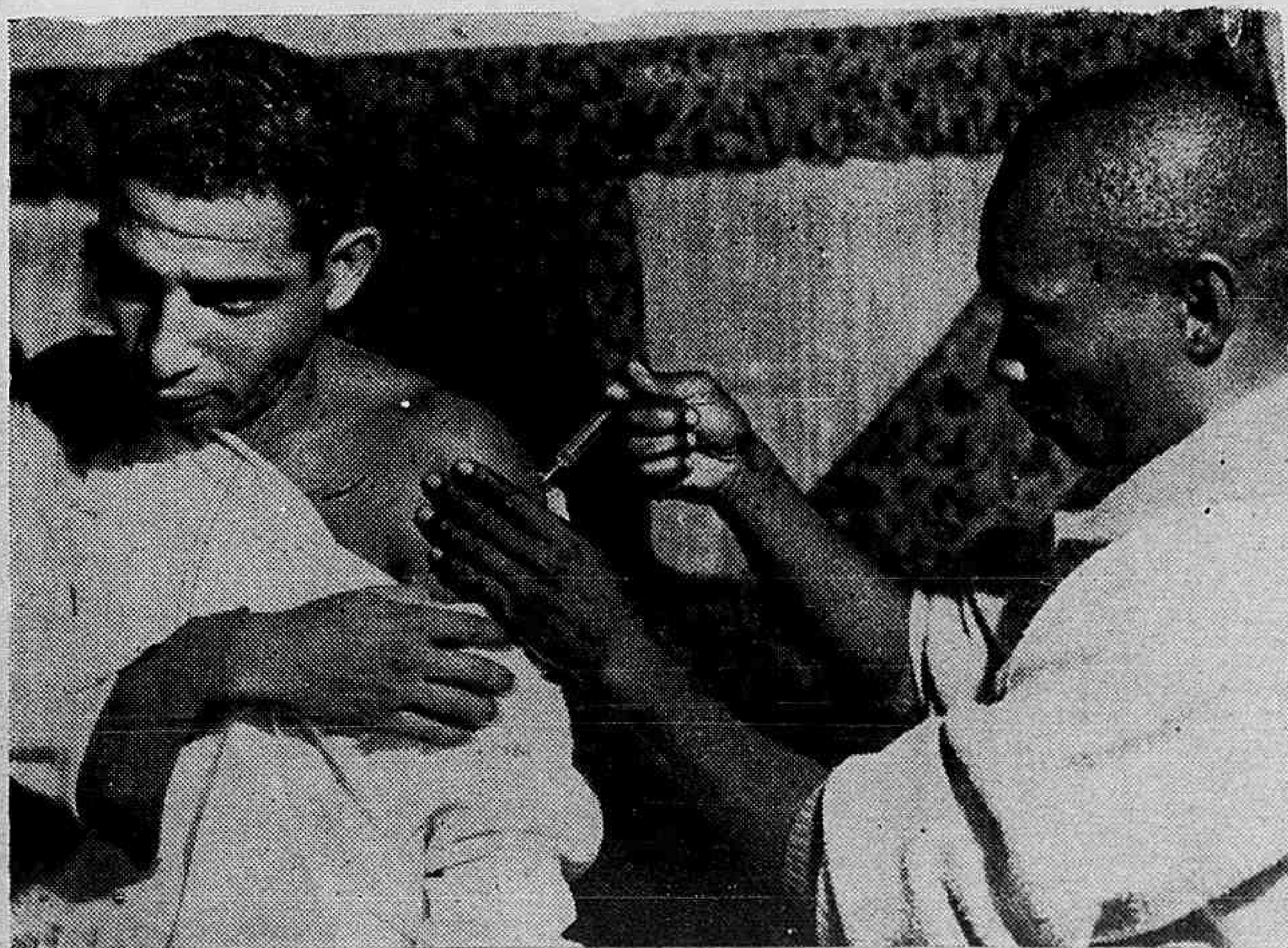




As contusões acarretam as mais sérias aflições, mormente quando se trata de selecionados. Recentemente tivemos Eli, ameaçado de perder o pôsto titular na equipe brasileira, mas que, depois de intenso tratamento, ainda veio a ser o grande propulsor da equipe nacional no jôgo com o Uruguai. Os clichés

O Drama das CONTUSÕES

O FUTEBOL não é coisa simplista, que signifique reunir um bom número de valores reais, e colocá-los em campo para ganhar jogos. O objetivo é sempre a vitória, e, consequentemente, o campeonato, e pela lógica, que no futebol não dá a última palavra, um quadro formado por grandes valores deverá ganhar jogos e ser campeão. Mas é evidente que num conjunto há sempre uma série de problemas que têm de ser resolvidos para que um grande quadro cumpra sua função de vitórias. Êsses problemas fazem parte de qualquer campanha, e quando um quadro entra no estadio para uma partida decisiva o trabalho nos bastidores foi intenso e muitas vêzes dramático. Há problemas de tôda a ordem, psicológicos, técnicos e físicos, sendo que estes últimos são de importância transcendental. É o que se entende como o problema das contusões, e que põe sempre em sobressalto as direções técnicas dos grandes quadros. O verdadeiro significado do "fantasma" das contusões bem pode ser aquilatado pelo cuidado com que os clubes procuram cercar o jogador, no que concerne a seu estado físico. Atualmente os Departamentos Médicos dos nossos grandes clubes constituem a última palavra em perfeição de aparelhagem técnica, com todos os requisitos mais modernos, capazes de dar uma assistência médica cem por cento eficiente. Muitas contusões que antes exigiam um período longo de cura, afastando o jogador da atividade, hoje são sanadas em poucos dias, graças à aparelhagem moderna. Nem por isso, porém, o problema das contusões deixou de existir, e por maiores que sejam os aperfeiçoamentos da ciência continuará êle a ser o tormento maior dos clubes. Muitas vêzes os esforços e as somas fabulosas despendidas na formação de um grande quadro são tornadas inuteis pelas contusões graves qu esucedem a jogadores considerados praticamente insubstituiveis. O prejuizo muitas vêzes é total, porque só uma formação que contasse com jogadores reservas que fossem autênticos craques solucionaria o problema. Uma utopia, portanto, porque nem é possível financeiramente essa hipótese, como ainda a permanência de craques consagrados na reserva viria criar uma situação psicológica insustentável. Além do mais, seria necessário que os planteis fossem organizados em duplicata, o que leva à conclusão de que os clubes terão que se conformar com a permanente possibilidade de ver por terra todo um programa, por causa das contusões.

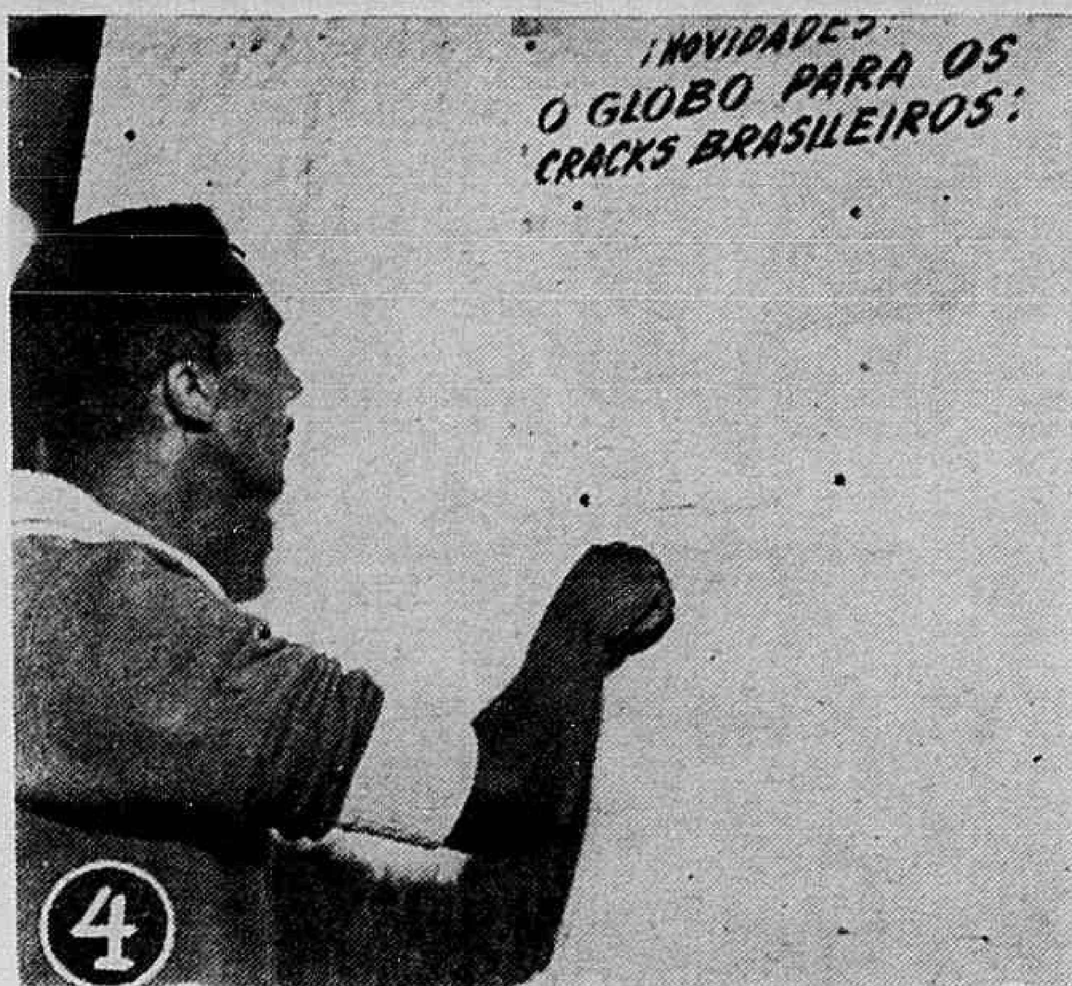


Rodrigues esteve ameaçado de não atuar contra o Peru, porque estava resfriado. Mas submetido a severo tratamento o ponteiro esquerdo da seleção reagiu e foi dado como apto no dia do encontro.

O VASCO FOI DERROTADO PELAS CONTUSÕES

UM exemplo vivo do drama das contusões foi a performance do Vasco na temporada passada. Vindo de um bi-campeonato sensacional, o Vasco perdeu a grande oportunidade de ser o vencedor da Copa Rio, seus prejuizos foram além, com a perda das pretensões do tri-campeonato. Tôda essa sucessão de maus resultados foi devida justamente a contusões, a maior das quais envolveu a figura de Ademir, com o tornozelo fraturado na excursão a Recife. Foi às vésperas da Copa Rio, e não se pode negar que o quadro cruzmaltino sentiu falta de seu avante, pois que, meses antes, aquêle mesmo quadro havia vencido espe-





ilustram as fases do tratamento, dando uma idéia nítida do que foi o drama da contusão do jogador brasileiro. No último flagrante, Eli já aparece refeito, lendo o jornal com que "O Globo" manteve os jogadores brasileiros a par das mais importantes notícias de seu país.

tacularmente o Penarol, lá mesmo em Montevidéu, no primeiro confronto entre brasileiros e uruguaios, após a Copa do Mundo. Como considerávamos, a primeira grande perda foi Ademir, e, apesar do muito que se discutiu em tôrno da sua participação nos jogos finais da Copa Rio, êle só veio a ficar curado este ano. Depois de Ademir, seguiram-se as campanhas do campeonato, que tinha um sabor especial pela expectativa do Vasco como candidato a tri-campeão. Com seu jogador mais famoso ainda prêso à recuperação da fratura do tornozelo e ruptura de ligamentos da região, o Vasco entrou de pé esquerdo no certame da cidade. Sem conseguir encontrar-se, o famoso esquadrão ainda foi perseguido por verdadeira avalanche de contusões, e parecia até haver um rodizio, pois quando era possível curar um Maneca ou um Eli, Friaça e Ipojucan ficavam contundidos, e assim sucessivamente. Muitos jogos cujas derrotas significaram o afastamento do Vasco do campeonato não mostraram um fracasso total dos cruzmaltinos, deixando margem a supôr-se que, não houvesse os problemas de contusões em série, as coisas teriam de ser resolvidas de outra forma. O que ficou patente, dentre os inúmeros motivos ventilados para explicar a queda de produção do bi-campeão, é que as contusões influiram fundamentalmente.

O FRACASSO AO FIM DA JORNADA

NO exemplo cruzmaltino houve a impossibilidade total de aparelhar o time para a perseguição ao título, o que já não sucedeu ao Bangu, quadro que, no ano passado, sempre esteve perseguindo o primeiro pôsto e que conquistou na última partida o direito de decidir o título com o outro lider, o Fluminense. Pouco adiantou, pois que os sacrifícios de tôda a campanha foram por terra, justamente por fôrça das contusões irremediaveis de Mendonça e Rafanelli. O Bangu, à custa de alguns tropeços, e embora não contando com um quadro cem por cento técnico, chegou ao fim do certame, na fase mais decisiva, com um bom "train" de jôgo, apontado como capaz de levar a melhor sôbre o Fluminense numa série decisiva. Aconteceu então o desastre do Maracanã, em que a derrota por um a zero foi o menor prejuizo sofrido. Mendonça teve rompidos os ligamentos do joelho, numa jogada em que êle e Didi entraram com decisão, e Rafanelli sofrendo uma entorse no joelho. Quando o Bangu entrou em campo para a segunda batalha, era praticamente um time irreconhecivel, pois teve que improvisar uma nova zaga, fazendo descer Djalma e consequentemente desmantelando a estrutura do quadro. E assim o Fluminense foi campeão, ficando a dureza do drama das contusões a acabrunhar os banguenses.

MAIORES OS PERIGOS NO ESTRANGEIRO

NO certame de Santiago, em que fomos campeões, nem por isso deixou de haver o drama das contusões. Ao contrário, nas batalhas internacionais, o calor da luta é muito mais intenso e as consequências inevitáveis são as contusões, tão perigosas pelo carater decisivo de cada partida de um torneio rápido como o são os certames dessa categoria. Não há tempo para recuperações, e as contusões são altamente perigosas. Todavia, no caso especial de uma seleção, há a solução que apontamos inicialmente, porque as delegações formadas para representar o futebol frente a quadros de outros paises sempre contam com dois scratches. Mas, de qualquer forma, a falta de um Ademir, por exemplo, não é facilmente sanavel, daí a preocupação da torcida ante as repetidas vêzes em que o grande jogador foi atingido no jôgo Brasil x Uruguai. Mas Ademir, mesmo seriamente contundido, fêz o sacrifício de atuar contra o Chile, definindo a nossa vitória com dois magníficos gols. No final tudo saiu bem, mas inúmeras foram as contusões de jogadores brasileiros, mostrando que esse problema acompanha sempre o futebol.

Texto de CARLOS BELMONTE



A direção do scratch estêve às voltas com a contusão de Julinho, que contundira o tornozelo depois do match com o México. Chegou a haver a ameaça de sua ausência no encontro com o Peru, mas graças à eficiência do tratamento o ponteiro da Portuguêsa de Desportos jogou.

FAUSTO, ISAIAS, PENAFORTE E ROBERTINHO, NOME
QUE A TUBERCULOSE APAGOU DA HISTÓRIA
DO FUTEBOL — MÉDIO NÃO SUPORTOU OS
DESGOSTOS ÍNTIMOS — FLORIANO, O
ANÔNIMO DA LEGIÃO ESTRANGEIRA, DE MARROCOS —
CARDEAL, O CRAQUE
MARCADO PELA
FATALIDADE

TRAGÉDIA do CRA



De CARLOS ARÊAS



L O P E S

Quatro nomes de tragédia no esporte nacional: Bento de Assis, que esqueceu tôdas as suas glórias passadas, vitima de amnesia. Lopes, o craque-meteoro da Copa do Mundo de 38, que ainda vive no interior de São Paulo, enfermo e esquecido. Fausto dos Santos, o maior center-half brasileiro, que a tuberculose riscou da face da terra. E Floriano, que morreu em Marrocos.

DE um modo geral o público só guarda a lembrança dos craques, seus ídolos, nos momentos felizes das carreiras dos mesmos. Um gol de bicicleta espetacular de Leonidas, uma defesa empolgante de Batatais num mergulho de uma trave à outra do gol, uma tirada de calcanhar de Penaforte quando a bola já transpunha a linha de meta, um tiro de Grané que derrubou o arqueiro adversário, um dribling maravilhoso de Domingos da Guia sem tocar o pé na bola, um gol de corner direto de Santana, são lances que não morrem nunca na memória do público, que se mantém como páginas permanentemente vivas da história dos desportos. Poucos, porém, são os que se lembram, ou conhecem ou ouviram ao menos falar dos momentos não felizes, das tragédias dos craques. Ainda há pouco os nossos confrades de "A Gazeta Esportiva" de São Paulo trouxeram à luz do conhecimento público o drama intenso que está vivendo Bento de Assis, um atleta que foi uma das maiores glórias do atletismo brasileiro, campeão absoluto de corridas de velocidade e do salto em distância durante muito anos. Bento de Assis depois de ter passado pelo amargor de ser declarado profissional, ao voltar de um campeonato sul-americano, sofreu um acidente de automóvel que o fêz dar "um mergulho no silêncio", como o fixou o feliz título da reportagem citada. O seu automovel foi esmagado por um auto-caminhão e Bento de Assis atingido fortemente na cabeça perdeu a memória. E vive hoje mergulhado no mar doloroso da amnesia. Não se lembra das suas glórias passadas, dos seus feitos magníficos, das suas viagens maravilhosas, dos nomes dos seus amigos, de nada, nada. O passado para êle está morto. E como deverá sofrer Bento de Assis nos seus esforços à sós, nos seus momentos de isolamento, tentando recordar o que foi, o que fêz e o filme da sua memória só passar cenas em branco. Como deverá sofrer sabendo que há um ditado bem nosso, bem brasileiro, que diz: "recordar é viver" e êle não consegue recordar...



Uma foto que não poderá mais ser reconstituida. A última apresentação de Isaias ante os olhos do público carioca. No match da seleção carioca contra o Fluminense, campeão de 1946, no antigo "jôgo dos campeões".

FAUSTO DOS SANTOS, UM NOME
QUE A TUBERCULOSE APAGOU

O CASO de Bento de Assis é único, dentre as tragédias dos craques nacionais. A grande maioria dessas tragédias têm sido escritas pela tuberculose. Essa moléstia, infelizmente tão espalhada em nosso país, que chegou a ser batizada de "brasileira" nas camadas populares, tem apagado da história dos desportos e mais particularmente do futebol, vários nomes de vulto. Um dêles, por exemplo, foi o de Faust[o] depois de conhecer as gl[órias] integrado a seleção bras[ileira] no futebol estrangeiro, a[...] ainda com a credencial [...] ção até que chegou Kru[...] treinos e decidiu que a[...] jogando de "pivot". Te[...] terceiro zagueiro. Fausto sentia-se humilhado em [...] técnico. O presidente do[...] Fausto foi afastado do [...] teria mais vez. Fausto [...] Nesse interim a molest[ia] pediu para voltar a jo[gar] time de reservas. E de [...] chegou no vestiário bot[...] removido para Palmira. [...] sem amigos à cabeceira, [...] culose acabava de apag[ar] do futebol brasileiro.

ISAIAS FOI O

ISAIAS Benedito da [...] arisco que apareceu [...] rando redes e que [...] ções carioca e brasileir[a] dições muito mais su[...] Fausto. Em princípios d[...] nado carioca que enfre[...] jôgo em benefício dos [...] por uma tuberculose ga[...] Isaias é que foram ma[...] intima. Êle tinha uma [...] o craque não a aband[...] numa casa de saúde po[...] curável. Mas Isaias um[...] vamente ao seu amor. E[...]

E TAMBÉM PE

VITIMA da tubercu[...] um zagueiro que [...] mengo, do Amér[ica] Porque pequenino no f[...] altas para cabecear, [...] com os dois pés nas [...] afastou dos gramados, [...] e um dia o deixou pa[...] freu como poucos o p[...]

Também cortado [...] o arqueiro Robertinho [...] vem, quase garôto, que [...] boas qualidades que p[...] Mas um dia saiu repe[...]

QUE

F A U S T O   *F L O R I A N O*

Santos. O maior center-half brasileiro
do campeonato carioca no Vasco, de ter
em jogos internacionais e de ter atuado
no Flamengo. No rubro-negro ingressou
ande center-half e foi o dono da posi-
er. O técnico húngaro olhou Fausto nos
nada "maravilha" não podia continuar
e passar para a zaga, para jogar como
lou-se. Ele, o maior center-half do país,
e trocar de posição por imposição de um
, porém, deu mão forte à Krueschner e
Ou jogaria de terceiro zagueiro ou não
u ainda algum tempo e ficou de fora.
eçou a aparecer e Fausto pediu perdão,
Voltou ainda como center-half, mas no
eita, após um jôgo com o São Cristovão
sangue pela boca. Não jogou mais e fo
orreu um dia, isolado de tudo e de todos,
ninguém para lembrar ali que a tuber-
face da terra o nome de uma das glórias

A VITIMA DA "BRASILEIRA"

aquele **center-forward esguio, retinto e**
dia no Madureira, **invadindo areas e fu-**
brilhou no Vasco da Gama e nas sele-
outra vitima **da tuberculose. E em con-**
dentes, muito **mais rápidas que as de**
eiro de 47, **Isaias ainda jogou no selecio-**
time do **Fluminense, campeão de 46, no**
ões. E três **meses depois morria vitimado**
e. As circunstâncias **em que desapareceu**
rosas e **marcantes de autêntica tragédia**
nheira de **anos, que contraiu a moléstia e**
contaminando-se **também. Foi internado**
a do Vasco **e o seu caso não parecia in-**
giu da casa **de saude, para se juntar no-**
amor custou-**lhe a vida, fulminantemente.**

RTE E TAMBÉM ROBERTINHO

i também Orlando Penaforte de Araujo,
ou multidões defendendo as cores do Fla-
seleção carioca e da seleção brasileira.
a um gigante na área. Saltava nas bolas
Biguá nos seus melhores dias, e rebatia
baixas, sem dificuldade. A tuberculose o
ou num leito do Hospital Getulio Vargas
pre numa pequena área de sete pés. So-
o gigante da zaga.
ente do sol dos vivos, pela tuberculose, foi
rto Migliani), do Bangu. Um goleiro jo-
a ter um largo futuro à sua frente, pelas
para a posição: altura, arrojo, segurança.
nte da circulação e só voltou a ter o seu

nome aos olhos do público no dia da sua morte. Foi uma tragédia silenciosa a de Robertinho.

MÉDIO NÃO SUPORTOU OS DESGOSTOS ÍNTIMOS

OUTRO personagem de tragédia dentro dos esportes foi Médio. E um personagem diferente, como Bento de Assis. Porque Médio não foi vitimado por doença nenhuma. Êle que em campo era um padrão de vigor e disposição, quando jogava pelo Flamengo, pelo Bangu ou pelas seleções. Êle que até o seu último minuto de vida ainda era uma fortaleza física, membro da Polícia Especial, cortou a existência pelas suas próprias mãos. Desesperado um dia, por motivos íntimos, sem poder suportar mais os sofrimentos morais que o angustiavam, em pleno patio do quartel da corporação do Morro de Santo Antonio encostou o cano do fuzil no queixo e deliberadamente puxou o gatilho. Que tragédia intensa deverá ter vivido Mamede Antonio da Guia para chegar a tal extremo de desespero.

CARDEAL, UM CRAQUE MARCADO PELA FATALIDADE

OUTRO craque que sofreu muito na sua vida foi Cardeal, center-forward gaúcho, que integrou a seleção brasileira em 1936-1937 e veio depois para o Fluminense. Cardeal só teve praticamente de feliz o início da sua carreira no futebol gaúcho. Depois tornou-se um craque marcado pela fatalidade. Veio para o Fluminense doente e ficou um tempo enorme sem poder jogar. Recuperou-se afinal e pôde estrear no time tricolor. Mas logo nêsse jôgo de estréia — um Fla-Flu — sofreu um choque com Valido e fraturou a perna. E ficou outro tempo enorme sem poder jogar. Sentiu-se êle próprio constrangido por pesar na tesouraria do Fluminense sem poder prestar serviços e pediu rescisão de contrato. Voltou para o sul, ensaiou ainda jogar algum tempo, mas cedeu novamente à doença, " "brasileira". E um dia morreu longe de amigos, na fronteira.

O DRAMA DE LOPES

LOPES ainda não foi apagado da face da terra. Vive ainda, mas no interior paulista, enfermo, esquecido de todos. Há alguns anos lembraram-se dêle e organizaram um jôgo de benefício em São Paulo. Depois, o silêncio em torno do seu nome. E Lopes foi um astro-relâmpago do futebol brasileiro. De uma hora para outra pulou do time do Corintians para a seleção nacional que disputou a Copa do Mundo na França em 1938, figurando como titular da ponta direita. Na volta do certame mundial ainda se aguentou algum tempo no time principal do Corintians, mas depois adoeceu e saiu da circulação. Hoje pouca gente se lembra que Lopes ainda vive, arrastando sua cruz de sofrimento ignorado e silencioso.

FLORIANO FOI MORRER EM MARROCOS

FLORIANO Peixoto Corrêa foi o "marechal das vitórias" dos gramados nacionais. Brilhou no Fluminense, no América, na seleção carioca e na brasileira, para terminar apagadamente como jogador no S. Cristovão. Abraçou depois a carreira de técnico e fêz nome no Atlético Mineiro, no Vasco e no Santos. Um dia recebeu um convite para ir ser treinador em Marrocos e não pensou duas vêzes, foi mesmo. O futebol brasileiro, a par dos dias de glórias, já lhe dera dias amargos, para lá de amargos. Inclusive aquela cena inesquecível de Joel Monteiro correndo para êle de dedo estendido, em pleno estadio do Fluminense, na negra do campeonato de 1929 com o Vasco, a gritar "Vendido, vendido".
E a humilhação de ter sido retirado imediatamente do time, não voltando para o segundo tempo e não vestindo nunca mais a camisa do América. Floriano foi para Marrocos, para não mais voltar. Morreu lá, sem um só compatriota em volta, vitimado por um ataque de coração. Morreu ignorado em terra estrangeira, como um paria, um daqueles anônimos da Legião Estrangeira, tão tradicional e tão cheia de segrêdos e misérias escondidas.

Médio enfrentou com resignação até os amargores daqueles 5 x 1 da Copa Roca de 1939. Mas não resistiu aos desgostos íntimos e, anos mais tarde, deu um tiro de fuzil no queixo.





Texto de JOSE' LUIZ PINTO

Sem Problemas

Em cima: Cabeção, um bom quiper da nova geração. À esquerda, Julinho, Pinga e Ruarinho, ótimos elementos para a nossa seleção.

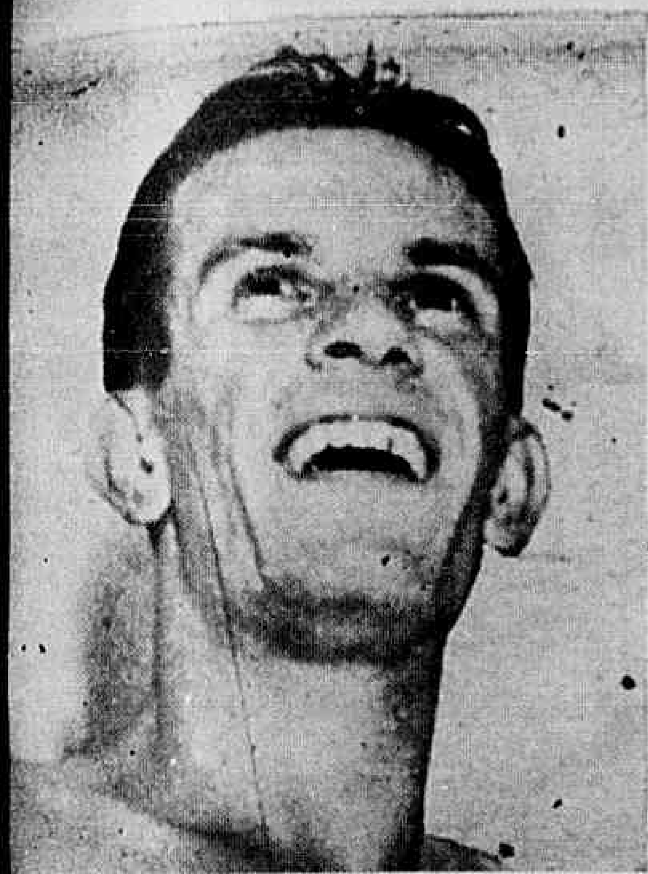
AFIRMATIVA que muitos talvez achem ousada, a de dizer que o futebol brasileiro não tem problemas. Naturalmente o nosso pensamento partiu do ponto de vista da facilidade em recrutar jogadores de tôdas as características para a formação de uma seleção brasileira. Êsse detalhe passou um pouco despercebido, sem a lembrança de muitas dificuldades no passado, quando se cogitava de formar um scratch. E a verdade é que a nossa mais recente seleção ensejou a Zezé Moreira a oportunidade de convocar jogadores sem se preocupar com problemas insolúveis para esta ou aquela posição. Embora no transcurso dos campeonatos regionais tivesse havido a verificação de um decréscimo técnico nos nossos quadros, é de notar-se que, se quase todos se ressentiam de conjunto poderoso, nenhum dêles deixava de ter em suas fileiras ao menos um grande craque. E a maior prova disso é que, apesar da falta de tempo para um estudo mais acurado, o selecionador, praticamente de um dia para o outro, pois que seu nome foi conhecido à beira da partida para Santiago, pôde reunir numa lista um punhado de bons jogadores, cujos nomes era só apanhar com garantia nas escalações dos times disputantes dos certames no Rio e em São Paulo. E apesar disso Zezé Moreira sofreu críticas pela escolha, e a razão era muito simples: haviam ficado de fora elementos que se julgava com maior capacidade do que alguns que haviam sido chamados. Portanto, uma prova exuberante da falta de problemas no que respeita a jogadores, permitindo o luxo de um selecionador reunir elementos sem a escolha dos índices técnicos mais elevados e, ainda assim, contar com jogadores de qualidades para formar um scratch A poderoso, e um B também de excelentes virtudes.

A ANTIGA SOLUÇÃO ESTRANGEIRA

SE recuarmos no tempo justamente dez anos, vamos encontrar o futebol brasileiro, principalmente o carioca, a braços com uma situação difícil de resolver. Enquanto em São Paulo quatro center-halves tinham boa cotação — Dino, Brandão, Og e Noronha, aqui no Rio era impossível pensar de repente numa solução pois que nada menos do que sete center-halves eram estrangeiros — Spinelli, no Fluminense; Volante, no Flamengo, Papeti e Bianchi, no São Cristovão; Santamaria, no Botafogo; Figliola, no Vasco; Teleska, então no Canto do Rio; e Spina, no Madureira. Os clubes buscaram suprir a carência de jogadores com qualidades para a posição nos mercados estrangeiros. Boa solução para os clubes, mas que postergava a possibilidade de se formar bons elementos nacionais. Por ocasião da Copa do Mundo, apesar do scratch haver sido uma grande fôrça do nosso futebol, na época a ponta-esquerda não pôde fugir de Chico e Rodrigues. O ponteiro gaúcho não mais em seu período aureo de anos atrás e Rodrigues ainda sem ter atingido a capacidade técnica que hoje ostenta. Êsses problemas, repetimos, não há hoje, genericamente falando. Depois das datas que citamos acima, Ruy e Danilo foram magníficos center-halves, que dominaram amplamente a posição, e todavia não chegaram até ao selecionado atual. E não houve prejuizo, pois que o nosso celeiro de médios é atualmente dos mais providos, e Zezé Moreira pôde até deixar de convocar um Mirim ou um Ruarinho, deixando-os para uma emergência, conforme aconteceu ao jogador botafoguense, logo utilizado por fôrça da contusão sofrida na vista por Juvenal. Nada mais nada menos do que superabundância de craques em plena forma, a geração passada entremeada com a nova. No fim da seleção surgiu até um caso, precipitado justamente pelo excesso de jogadores. Baltazar, um dos que estavam fora da seleção, teve uma chance e assombrou, juntando-se aos

CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA E FREQUÊNCIA
Escolha uma bôa Profissão
☐ MOTORES A EXPLOSÃO
☐ MECÂNICA DE AUTOMOVEL
☐ MECÂNICA DE AVIAÇÃO
☐ TORNEIRO MECÂNICO
☐ RADIO TECNICO
☐ TELEVISÃO
☐ ELETRO TÉCNICO
☐ DESENHO TECNICO
☐ QUIMICA PRÁTICA
MARQUE COM UM X O QUADRADO RELATIVO AO CURSO QUE PREFERE
PREENCHA E REMETA O CUPÃO A
ESCOLA DE CULTURA TÉCNICA
RUA VITÓRIA 250 - SÃO PAULO
E V. S. RECEBERÁ GRATIS O PROSPECTO DO CURSO
Gratis:
1 CARTEIRA DE IDENTIDADE 1 DISTINTIVO 1 MANUAL DE CONHECIMENTOS ÚTEIS
NOME
RUA
Nº
CIDADE
ESTADO

aniquilar o nosso futebol, parece que ensejou a reação, e no primeiro selecionado formado conseguimos reunir um punhado de excelentes elementos. E a melhor prova da qualidade dos jogadores é êsse detalhe irrefutavel do último momento. Fomos para Santiago do Chile praticamente às vésperas do certame, e não haveria técnica capaz de fazer-nos vencedores, se a quase totalidade do material humano sob as ordens do técnico não fosse da melhor qualidade. Não há problemas, portanto, pois não se pode chamar a questão da mudança repentina de tática de problema, pois o resultado aí ficou. O que satisfaz sobremodo o torcedor brasileiro é justamente saber que as nossas representações futuras contam com grandes craques, e essa amostra do Pan-Americano é apenas um princípio neste futuro de progresso que se acentua para o futebol nacional. Com tôda a facilidade, compusemos uma seleção, e, conforme salientamos acima, as várias ausências não chegaram a afetar os trabalhos da direção técnica. Que diremos então dos jogadores novos, um punhado dêles, que aqui e em São Paulo estão caminhando a grandes passadas para a projeção definitiva no futebol. Com os elementos que hoje temos à mão e com as promessas de craques, podemos asseverar com justa razão que, para qualquer sistema de jôgo e para qualquer posição, temos homens que podem ser classificados como autênticos craques. Estamos caminhando para um futuro próximo de glórias e o nosso titulo de campeões pan-americanos foi um marco, não pelo que possa significar em matéria de sistemas táticos, mas pela certeza de que estaremos daqui para diante em condições de enfrentar as mais duras campanhas, no Brasil e no estrangeiro.



TELÉ



RUBENS

o Futebol Brasileiro

vinte e dois já constantes da lista. Nivio foi o de menos sorte, pois que, embora um ponteiro util, por suas qualidades, era o que poderia ser cortado sem afetar os planos do técnico para qualquer emergência.

AINDA SOBRARAM OS CONTUNDIDOS

ACRESCE que, a despeito de tudo, ainda ficou a seleção privada de dois grandes craques, como um Zizinho e um Maneca. A principio, não se compreendia que um selecionado pudesse ser formado sem o grande meia banguense, mas os exames médicos procedidos indicaram que Zizinho não estava mesmo em condições de render o necessário para o quadro. Por seu lado, Maneca vinha de uma fratura no rosto e nem podia treinar quando seu nome foi incluido entre os jogadores selecionados. Tanto êle como Zizinho obtiveram a dispensa e nem por isso o técnico ficou a braços com problemas verdadeiros. Convocou Didi e Ipojucan, e se necessário fosse ainda restaria Ranulfo, que incontestavelmente foi um excelente meia no último certame carioca. Como se observa, uma seleção, que pôde prescindir de um jogador como Zizinho e também não sofreu golpe profundo com a dupla ausência, contando-se Maneca, deu-nos razão sobeja para asseverar que o futebol brasileiro não tem problemas. E como observação à margem ainda poderiamos falar em outro grande nome, normalmente obrigatório em se tratando de seleções, preterido a priori pelo novo selecionador. Referimo-nos a Jair, que desta vêz esteve entre os nomes do scratch, não sendo insubstituivel. Aliás das três grandes figuras obrigatórias sòmente Ademir conservou o pôsto, e por sinal que brilhou intensamente como construtor de vitórias brasileiras, em Santiago, sagrando-se campeão pan-americano.

O CAMPEONATO DE SANTIAGO E O FUTURO

A CONQUISTA de Santiago do Chile, o certame que buscamos fora da patria, em ambiente quase hostil, foi uma prova evidente da superioridade do nosso futebol. A Copa do Mundo, com o fracasso indelevel, longe de



Santos e Brandãozinho, dois astros do Pan-Americano



...exige outra



Polvilho Antisséptico
GRANADO


CABELOS BRANCOS
só tem quem quer
JUVENTUDE
ALEXANDRE
BELEZA E VIGOR DOS CABELOS
USA E NÃO MUDA
quem os não quer

BILHETES



SILAS, do Palmeiras, por Luiz Humberto Martins Pereira.

SERGIO HENRIQUE — Petrópolis — Estado do Rio — **1) — O Fluminense tem dois tri-campeonatos: 1917, 1918, 1919 e 1936, 1937, 1938. 2) — No ano de 1919 quando levantou o primeiro tri-campeonato o tricolor contou com êste quadro: — Marcos, Vidal (Otelo) e Chico Netto; Lais, Oswaldo Gomes e Forte; Mano, Zezé, Welfare, Machado e Bachi. 3) — No ano de 1938 quando levantou o segundo tri-campeonato o tricolor contou com esta equipe: Batatais, Guimarães e Machado; Bioró, Brant e Orozimbo; Sandro, Romeu, Fogueira, Tim e Hercules. Também jogaram: Nascimento, Moisés, Santamaria, Milton e Noveli. 4) — A média de idade do time campeão de 1951 foi de 23 a 24 anos. 5) — Rejeitados os seus desenhos de Ipojucan e Edson.**

NELSON LOURENÇO — Rio de Janeiro — 1) — A classificação do sul-americano de 1945 foi esta: 1) Argentina 1 ponto perdido; 2) Brasil 2 p.p.; 3) Chile 3 .p.p; 4) Uruguai 6 p.p.; 5) Colombia 9 p.p.; 6) Bolivia 10 p.p.; e 7) Equador 11 p.p. 2) — Os escores registrados foram êstes: Argentina: 3x1 com o Brasil; 4x0 com a Bolivia; 9x1 com a Colombia; 1x1 com o Chile; 4x2 com o Equador; e 1x0 com o Uruguai. Brasil: 2x0 com a Bolivia; 3x0 com a Colombia; 1x0 com o Chile; 9x2 com o Equador; e 3x0 com o Uruguai. Chile: 5x0 com a Bolivia; 2x0 com a Colombia; 6x3 com o Equador; e 1x0 com o Uruguai. Uruguai: 2x0 com a Bolivia; 7x0 com a Colombia; e 5x1 com o Equador. Colombia: 3x3 com a Bolivia e 3x1 com o Equador. Bolivia: 0x0 com o Equador. Equador: Os escores estão anunciados nos jogos dos países anteriormente citados.

— : —

ALMIR GOMES — Olaria — Rio de Janeiro — **1) — O senhor tem tido remessas boas e más de desenhos. Esta que verificamos no momento não está boa. Por isso rejeitamos os de Geraldo Bulau, Juvenal (do Palmeiras) e Friaça. Ficamos apenas com a do garôto Dejair para publicação oportuna. 2) — Os desenhos rejeitados nós encaminhamos à cesta de papéis que não voltam mais...**

— : —

WILSON MACIEL — Rio de Janeiro — Vamos atender ao seu pedido informando aqui aos demais leitores que o senhor tem uma coleção de "O Globo Sportivo" desde 1944 até Fevereiro de 1952 para vender. O endereço para as propostas dos interessados é: Rua Caruaru, 464, casa 3, apto 302. Telef. 38-5118.

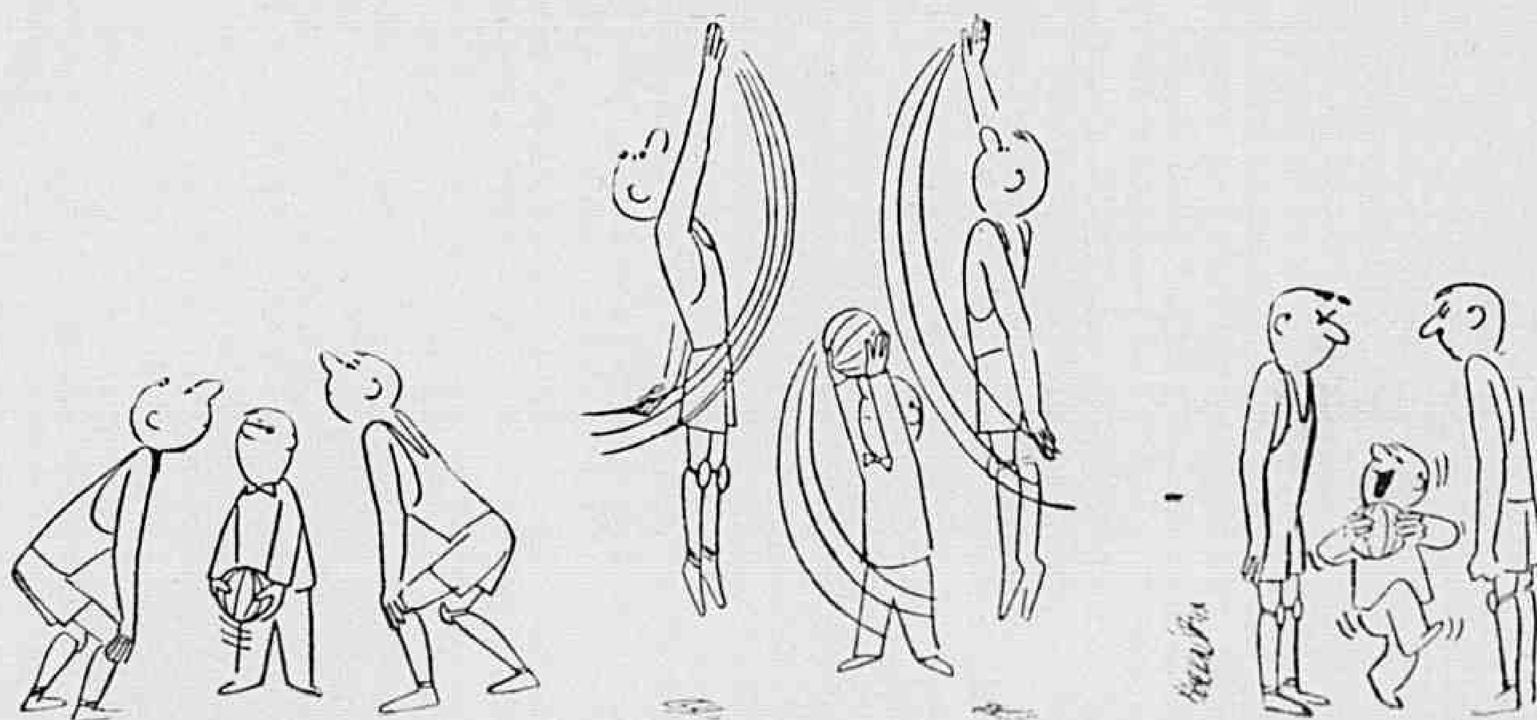
DOMINGOS ARAUJO LARANJEIRAS — Rio — 1) — **O Vasco foi pela primeira vez campeão da cidade em 1923, com êste time: Nelson, Leitão e Mingote; Nicolino, Bolão e Arthur; Pascoal, Torteroli, Arlindo, Cecy e Negrito. 2) — No campeonato de 1924, o Vasco levantou o titulo na L.M.D.T. onde estavam os chamados pequenos clubes, já que os "grandes" tinham fundado a A.M.E.A. O Vasco foi campeão da série A nesse ano e teve de jogar com o Engenho de Dentro, campeão da Série C, e o Bonsucesso, campeão da série B, para conquistar o titulo máximo. O Vasco marcou 3x1 sôbre o Engenho de Dentro e 1x0 sôbre o Bonsucesso.**

— : —

JULIO GOMES — RECIFE — Pernambuco — 1) — O América foi campeão carioca nos anos de 1913, 1916, 1922, 1928, 1931 e 1935. 2) — O quadro campeão de 35 formou assim: Walter, Vital e Cachimbo; Paiva, Og e Possato; Lindo, Carola, Placido, Mamede e Orlandinho.



Heitor Bricio, de Vitória, é o autor deste desenho de CHICO, do Vasco.



DO LEITOR

De CARLOS ARÊAS



JOSE' MENDES BARBOSA — Cavalheiro — Pernambuco — Esta sua remessa de desenhos veio fraca, sendo assim todos rejeitados (Alvarez, Ruy, Gringo, Gerson, Tijolo, Mendonça, Afonsinho e Nivio). Procure insistir, caprichando mais, sem a preocupação de quantidade e sim de qualidade. E' melhor mandar um bom, do que dez ruins.

—:—

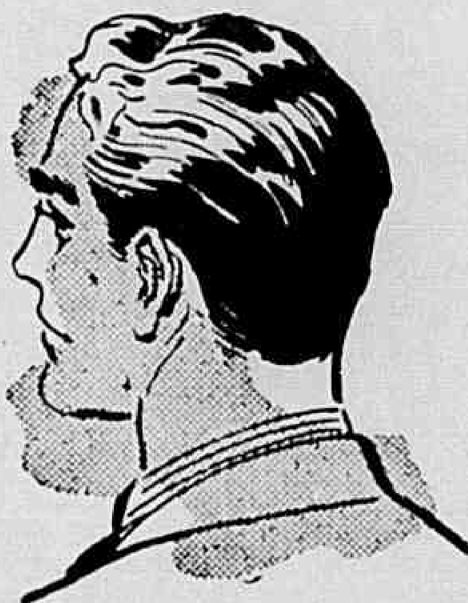
ANTONIO JOSE' CHAGAS — Belo Horizonte — Minas — 1) — **No campeonato mundial de 1930 o Brasil perdeu para a Yugoslávia por 2x1 e venceu a Bolivia por 4x0. O time no primeiro jôgo formou assim: Joel, Brilhante e Italia; Hermogenes, Fausto e Fernando; Poly, Nilo, Araken, Prego e Teofilo. No segundo jôgo o time foi êste: Veloso, Zé Luis e Italia; Hermogenes, Fausto e Fernando; Benedito, Russinho, Carvalho Leite, Prego e Moderato. 2) — No campeonato mundial de 1934, o Brasil perdeu para a Espanha por 3x1. O time foi êste: Pedrosa, Silvio Hoffman e Luis Luz; Tinoco, Martim e Canalli; Luizinho, Waldemar de Brito, Armandinho, Leônidas e Patesko. 3 — Em 1938 o Brasil venceu a Polônia por 6x5, empatou com a Tcheco-Eslováquia por 1x1 e venceu no desempate por 2x1, perdeu para a Italia por 2x1 e venceu a Suecia por 4x2. O time foi êste: Batatais(Walter), Domingos e Machado (Jaú e Nariz); Procopio, Martim e Afonsinho (Brito, Brandão e Argemiro); Lopes, Romeu, Leônidas, Peracio e Patesko (Roberto, Luizinho, Tim e Hercules).**

—:—

FRANCISCO H. PERRELLI — Maceió — Alagoas — Na fila para publicação oportuna os seus desenhos de Joel (Flamengo), Biguá, Esquerdinha (Flamengo), Nivio, Ondino, Flávio Costa e Sinforiano Garcia.

LACINIO CIPRESTE — Vitória — Espirito Santo — 1) — **O Fluminense tem dois tri-campeonatos. O primeiro nos anos de 1917, 1918, 1919 e o segundo nos anos de 1936, 1937, 1938. O Flamengo tem um, nos anos de 1942, 1943, 1944. 2) — No campeonato do ano passado, o Fluminense derrotou o Flamengo no turno e returno pelo mesmo escore de 1 x 0. E a campanha do Flamengo foi esta, no mesmo ano: Turno: 2x1 sôbre o Bonsucesso, 2x2 com o Olaria, 1x2 ante o Botafogo; 2x1 sôbre o Canto do Rio; 0x2 ante o Bangu; 2x1 sôbre o Vasco; 1x1 com o São Cristóvão; 2x1 sôbre o América; 0x1 ante o Fluminense; e 0x1 ante o Madureira. Returno: 1x1 com o Madureira; 5x1 sôbre o Bonsucesso; 2x0 sôbre o São Cristóvão; 6x0 sôbre o Canto do Rio; 0x1 ante o Fluminense; 3x1 sôbre o América; 2x0 sôbre o Bangu; 2x0 sôbre o Vasco; 5x2 sôbre o Olaria; e 1x2 ante o Botafogo. 3) — O Botafogo tem atualmente um só capixaba que é Zezinho.**

Fixador e Tônico só para homens



Com VITALIS o seu cabelo ficará limpo, bem penteado . . e masculinamente perfumado!

VITALIS



é pr'a cabeça!



JANNETTE BURR, que participou dos Jogos Olímpicos de Inverno em Oslo, não é apenas esquiadora sôbre a neve. Pelo contrário, o seu "forte" é o esqui aquático, tendo sido mesmo Campeã Nacional de Salto em Esqui Aquático dos EE. UU. Agora está treinando novamente para o 6.º Campeonato Anual de Esqui Aquático de Dixie. (Foto United Press, especial para O GLOBO SPORTIVO).

ÊLES TAMBÉM SUARAM AS CAMISAS . . .

(Conclusão da página 11)

BENICIO FERREIRA FOI "ÁS" NO BASQUETE

DA nova geração de dirigentes desportivos, podemos apontar como vindo da tarimba das canchas, o dinâmico diretor de futebol do Fluminense — Benicio Ferreira Filho. Mas acontece que Benicio, embora diretor de futebol, não veio do futebol: veio do basquete. Com efeito, tendo começado na Associação Cristã de Moços, formando um time poderoso com Martinez, Jocelyn, Costa e Adalberto, Benicio acabou no primeiro time do Fluminense. E foi um verdadeiro "ás" do basquete, com uma visão magnífica da cesta.

NASCIMENTO, SCRATCHMAN CARIOCA E BRASILEIRO

CARLOS Nascimento, atual diretor técnico do Bangu, é o outro paredro que foi atleta de projeção no futebol. Half-direito do Fluminense, por muitos anos, campeão carioca de 24, campeão brasileiro de 1925 e 28, scratchman nacional em várias oportunidades, Nascimento formou com Floriano e Fortes uma das mais famosas linhas médias de todos os tempos.

OSWALDO GOMES FOI JOGADOR E PRESIDENTE AO MESMO TEMPO

O CASO mais interessante dos paredros-atletas, porém, foi sem dúvida o de Oswaldo Gomes. Campeão de futebol pelo Fluminense desde o primeiro campeonato carioca — em 1906 — até o tri-campeonato de 1917 — 1918 — 1919, Oswaldo Gomes chegou à perfeição de em determinada ocasião acumular os dois setores de atividade: — jogador militante, titular do tricolor, e presidente da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres. Deixando de jogar em 1922, Oswaldo Gomes, que foi extrema-direita e depois center-half, continuou funcionando nos desportos como dirigente em clubes e entidades diversas e jogando também tenis.

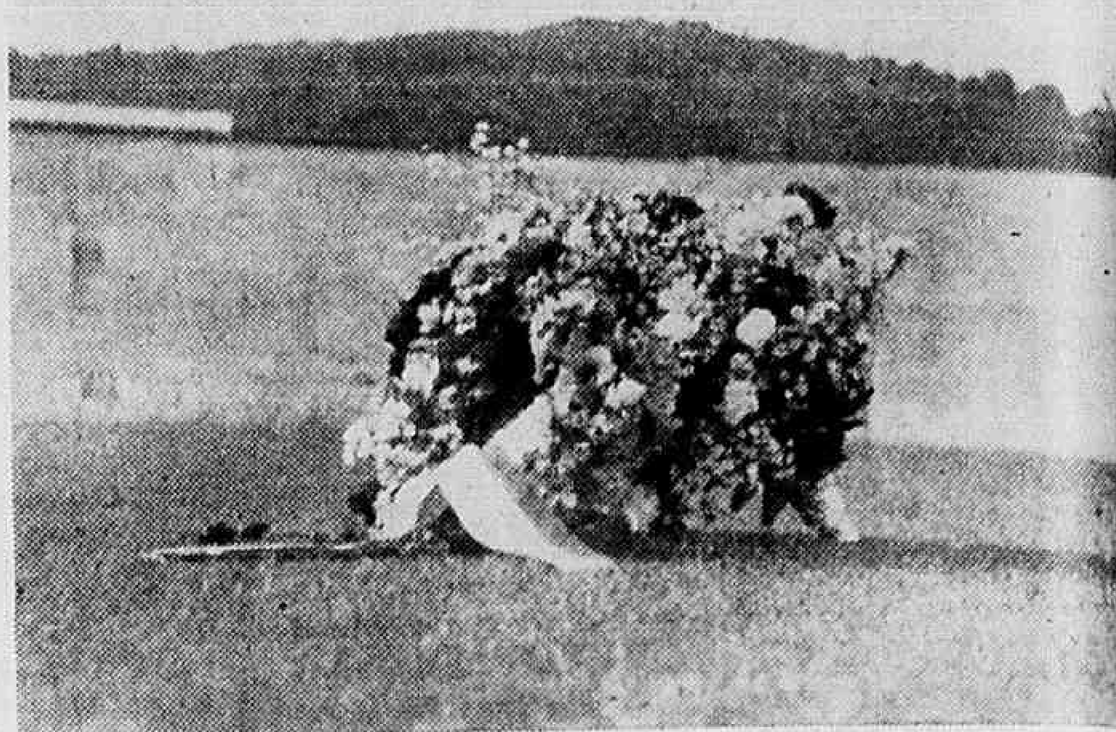
OUTROS EXEMPLOS QUE NÃO TERIAM FIM

ESTA reportagem não teria fim se fossemos colocar em primeiro plano todos os paredros que começaram dando seu esfôrço aos clubes e entidades em campo, suando camisas, chutando, correndo, saltando barreiras, remando, encestando ou voleiando. Mas não ficaria completa, também, se esquecessemos de nomes como os de Marcos de Mendonça, quiper famoso, tri-campeão carioca de 1917 — 1918 — 1919 e sul-americano de 1919 e 1922, que chegou à presidência do Fluminense F. C.; Gustavo de Carvalho, extrema-esquerda campeão pelo Flamengo em 1914 e 15 e também ex-presidente do clube rubro-negro; Claudionor de Souza Lemos (Alemão), extrema-direita campeão pelo América em 1931 e também presidente do clube rubro; Egas de Mendonça, zagueiro do Haddock Lobo e do América, entre 1908 e 1912, e ex-presidente do América; Jaime Fernandes Guedes, zagueiro do Vasco em 1916 e ex-presidente do clube cruzmaltino; Afonso de Castro, uma tradição nos postos de direção do Fluminense e que foi meia-esquerda tricolor nos primeiros campeonatos de 1906, 1907 e 1908; comandante Benjamin Sodré (Mimi Sodré), meia-esquerda campeão pelo Botafogo em 1910 e presidente do clube alvi-negro; Claudionor Corrêa (Bolão), center-half campeão pelo Vasco em 1923 e 1924 e que foi por várias vêzes diretor de futebol do clube de S. Januário;coronel José Manoel Ferreira Coelho, meia-esquerda campeão pelo Fluminense em 1924, depois defensor do S. C. Brasil e que foi há poucos anos diretor de futebol do tricolor; só para citar mais alguns.

PAZ às suas almas!

FAZ TRÊS ANOS... EM SUPERGA... — TOMBOU O TORINO! —

Por **Alvaro de Melo e Silva**



Jamor, o estádio luso que presenciou o derradeiro prélio do A. C. Torino... Quando fêz um ano que pereceram os magníficos atletas, Francisco Ferreira foi ao Estádio Nacional e no centro do gramado depôs flores, saudosas e orvalhadas...

PASSARAM precisamente três anos! E em nossa mente, tudo continua claro, límpido, doentiamente fresco.

Era o dia 3 de maio de 1949. Saboreamos a satisfação antecipada de ir ver jogar o Torino, a mais poderosa equipe de clube, da Europa inteira. Apesar de declinar habitualmente todos os convites para deslocar-se, os dirigentes aceitaram o pedido do Benfica para o Torino tomar parte na festa de homenagem a Francisco Ferreira, veterano e consagrado internacional luso. E vieram de Longada até ao Jamor formoso, que abriu suas portas para uma enchente de gala...

Começou o jôgo. E os nossos olhos abriram-se para sorver todos os maravilhosos pormenores da exibição do Torino. Foram quinze, talvez vinte minutos de encantar. A equipe capitaneada por Mazzola era uma máquina; o balão corria, mudava de direção, tomava caprichosos efeitos, evolucionava em curvas graciosas e perfeitas, tudo realizado com impressionante facilidade, sem esforço aparente, engrenagem soberana e atraente que arrancava as mais elogiosas referências de todos os espectadores, encantados com a elevada classe do esquadrão italiano.

Ficamos em dúvida sôbre o que mais devíamos admirar; se a elegância requintada de Bacigalupo, a sobriedade autoritária de Ballarin, a eficiência consecutiva de Castigliani, a velocidade estonteante de Menti, a artística matemática de Mazzola ou as qualidades de qualquer dos outros não citados...

Após vinte minutos da mais pura e elucidativa demonstração, os jogadores do Torino "lembraram-se" dos jogos a realizar para o certame da Itália. E abrandaram o seu empolgante andamento. Cresceu o Benfica, mais liberto, mais tranquilo; e através duma excelente exibição, os encarnados conseguiram arrancar uma magnífica e regularíssima vitória.

Terminada a partida, vencedores e vencidos abraçaram-se efusivamente. O prestígio do Torino não sofrera qualquer "beliscadura", porquanto os futebolistas italianos tinham evidenciado as primícias da sua classe invulgar. Quanto ao Benfica, ufanava-se de brilhante êxito, vencendo por 4 x 3 os campeões da Itália...

À noite, estivemos com os jogadores do Torino, no Estoril. Rapazes simpáticos e modestos. Conversamos com Virgilio Maroso, o extraordinário zagueiro internacional que uma lesão impediu de alinhar em Lisboa. Extremamente amável e bom conversador, Maroso deixou-nos o seu endereço, o qual hoje olhamos tristemente, ao folhear nosso pequeno livro de apontamento — Corso Sebastopoli, 54 — Torino...

* * *

Passaram precisamente três anos! E em nossa mente tudo continua claro, límpido, doentiamente fresco...

Era o dia 4 de maio, pela tardinha. Íamos na rua. Um amigo cruzou-se conosco.

— Boas-tardes!

— Boas-tardes! Já sabes o que aconteceu ao Torino?

— Não sei nada. Que foi?

— O avião que os transportava caiu. Morreram todos...

Diálogo simples, mas terrivelmente doloroso. "Morreram todos"... esta frase parecia martelar-nos insistentemente o cérebro, enquanto as fontes latejavam com violência. A primeira re-

O famoso e chorado esquadrão do Torino, constituído por luminosas estrêlas do futebol europeu... Mazzola... Maroso... Bacigalupo... Ballarin... Castigliani... Loik... Hoje, só lágrimas; lágrimas e saudade!



O GLOBO SPORTIVO

Revista semanal — Redação, Administração e Oficinas: Rua Itapiru, 1209 — Rio de Janeiro — Brasil — Caixa Postal 4602 — End. Tel.: "Globojuvenil" — Tel. 48-6287 — Direção de ROBERTO MARINHO e MARIO RODRIGUES FILHO — Gerente: RUBENS DE OLIVEIRA — Secretário: ARTHUR THOMAZI — Serviço fotográfico de INDAIASSU LEITE — e colaboração dos ilustradores OTÉLO e GUTEMBERG — Número avulso: Cr$ 3,00 — Assinaturas — para todo o país — porte registrado: anual Cr$ 170,00. Sucursal de São Paulo: Rua Xavier de Toledo, 84, 4.º and. Distribuidores em S. Paulo: Agência Siciliano: Rua Dom José de Barros, 323. Representantes em Portugal e Colônias: Livraria Latina Editôra, Pôrto.



Logo que foi conhecida em Lisboa a notícia da gélida tragédia os entusiastas lusos que tinham presenciado a última partida do Torino acorreram em elevado número à Legação da Itália, numa sentida manifestação de pesar!



Chegaram alegres e alegres partiram do aeroporto de Lisboa... No livro das suas vidas estava, porém, escrito que seria a última viagem!

ação foi não acreditar. Pois se ainda hoje nos repugna acreditar! Mas não havia, infelizmente, lugar para dúvidas. Porque a voz que nos comunicava a terrível fatalidade trazia luto, trazia dor, trazia lágrimas em cada inflexão!

Torino... crepes perpétuos, drama pungente que feriu o mundo com punhalada cruel e assassina. Superga... um mundo de recordações angustiosas, um mergulhar em trevas, gêlo e morte; um desastre brutal e inesquecível. Inesquecível, sim! Porque a esses rapazes fica bem aquele verso do imortal Camões... "que neles nem a morte teve poder!"

— O avião que os transportava caiu. Morreram todos...

E o arrepio gelado que nos percorreu nesse segundo de tragédia, quando nossos ouvidos captaram a frase cortante e gélida, volta a conquistar-nos no minuto que passa. Ao recordar o terrível acidente que vitimou a fina-flôr do futebol italiano, há frio dentro de nós.

Quando seus braços pressentiam já o calor dos amplexos amigos de seus pais, irmãos, espôsas, noivas, um golpe de incomensurável fatalidade os vitimou para sempre. Não mais pisaram campos de futebol, onde eram estrêlas de fulgurante cintilação, pedras preciosas de incalculável valor. Como ave mortalmente ferida, num segundo o pássaro metálico era túmulo fumegante do poderoso esquadrão do Torino e de grandes nomes da imprensa esportiva italiana; ferros torcidos, morte e carne humana, era o cenário cruel daquele drama hediondo e eternamente chorado; drama tão cru e real como os gritos que encheram momentaneamente o espaço, como as chamas que calcinaram os corpos, ou como o fumo que se libertava daquela gigantesca carcassa de alumínio, cratera em furia que tudo devorou, sepultou e reduziu a cinzas!

Depois, em câmara ardente, foram simbòlicamente coroados "campeões de Itália" pela 5.ª vez consecutiva. E as palavras dos oradores perderam-se entre soluços doloridos, entre lamentações pungentes, entre lágrimas sentidas, entre orações piedosas!

Paz às suas almas!

* * *

Passaram precisamente três anos! E em nossa mente tudo continua claro, limpido, doentiamente fresco...

Francisco Ferreira, o internacional do Benfica, a cuja festa de homenagem o Torino deu sua colaboração, quando recebeu a notícia do infausto acontecimento.



Junto aos esquifes, parentes das vitimas entregam-se à imensa tristeza do irremediavel





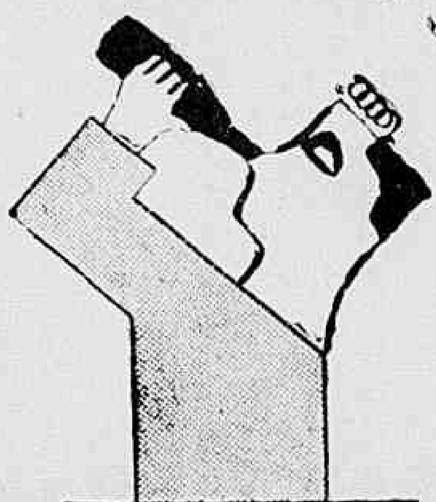
Diante do árbitro Mario Viana os "capitães" das duas equipes se cumprimentam, apertando as mãos — era o início do ambiente de cordialidade que reinou em todo o jôgo.



Um ataque dos matogrossenses pela direita, a bola diante de Wilson, que não a controla. Haroldo parece que vai "mergulhar" sôbre a bola, enquanto Gaia olha espantado. E Bananeira lamenta não poder intervir no lance.

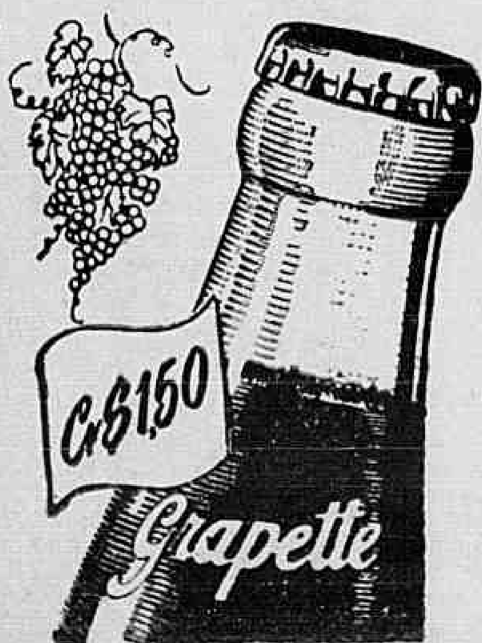
EMPATARAM MINAS GERAIS E MATO GROSSO

O FUTEBOL mineiro já foi o maior produtor de craques do país. Não precisamos organizar uma lista de nomes que se tornaram famosos no cenário desportivo nacional por que êsses nomes estão na memória de todos. Cada ano que passava, cada campeonato que terminava nas Alterosas punha em destaque um grupo selecionado de jovens praticantes do futebol que surgiram como autênticas revelações. Era o futebol mineiro, então, o maior celeiro de bons jogadores — jogadores de excepcionais qualidades técnicas, jogadores que impressionavam pela sua extraordinária capacidade e alta classe, e que, atraidos pela fama e pela popularidade, procuravam ambiente mais amplo para a demonstração de suas excelentes qualidades, ingressando, geralmente, nos clubes desta capital. Mas parece que o veio miraculoso se perdeu para os montanheses, que os faiscadores abandonaram a faina da busca do ouro e das pedras preciosas que apenas exigiam trabalho de lapidação. Minas — o futebol mineiro — também tornou-se em mercado importador, também começou a contratar jogadores de outras paragens, deixando de produzir os seus craques, de fornecer ao futebol carioca os seus jogadores de maior cartaz. Há quanto tempo não surge nas Alterosas um nome aureolado pela fama, o nome de um verdadeiro craque da pelota, que atraia as atenções gerais e que se venha revelar aos nossos olhos nas suas equipes ou nos seus selecionados?



GRAPETTE

produzidã com uvas selecionadas do Rio Grande do Sul



UM SCRATCH SEM CRAQUES...

Aí está o selecionado mineiro ora disputando o Campeonato Brasileiro de Futebol. Um scratch sem craques, uma equipe formada por jogadores sem cartaz, alguns novos sem credenciais reunidos a alguns veteranos que já perderam o "elan" do entusiasmo e da fôrça de vontade, exibindo apenas alguma coisa da experiência adquirida nos campos da batalha esportiva. A impressão que nos deixou a equipe que se mediu com o quadro representativo da Federação Matogrossense, na tarde de domingo último, na cancha de General Severiano, nos fêz sentir saudades daquele selecionado de 35 e de 36 — daquele quadro que contava com Geraldão; Chico Preto e Mascote; Zezé Procopio, Lola e Geninho (do Vila Nova); Alcides, Alfredo, Guará, Nicola e Rezende. Porque a verdade é que jamais Minas mandou ao Rio pior selecionado — uma equipe que não mostrou capacidade para garantir uma vantagem excepcional, uma equipe que agiu em todo o transcurso da luta sem apresentar a base de planos perfeitamente delineados através dos trabalhos de preparação técnica, uma equipe incapaz de se deixar dominar pelo entusiasmo e pela emoção, fria irritantemente fria em sua ação nos momentos culminantes da porfia, nos instantes de maior vibração da peleja, praticando um futebol de má qualidade, de feitura estranha, sem contextura, confuso, desordenado e inoperante. Um quadro de onze jogadores em que apenas dois se salientaram pela fibra, pela energia, pela vontade de conquistar a vitória ou pelo desejo de não ver derrotada a equipe que integravam. Foram êles o zagueiro Gaia e o medio Lazarotti. Foram os únicos que se salvaram daquêle amontoado de valores negativos da seleção montanhesa.

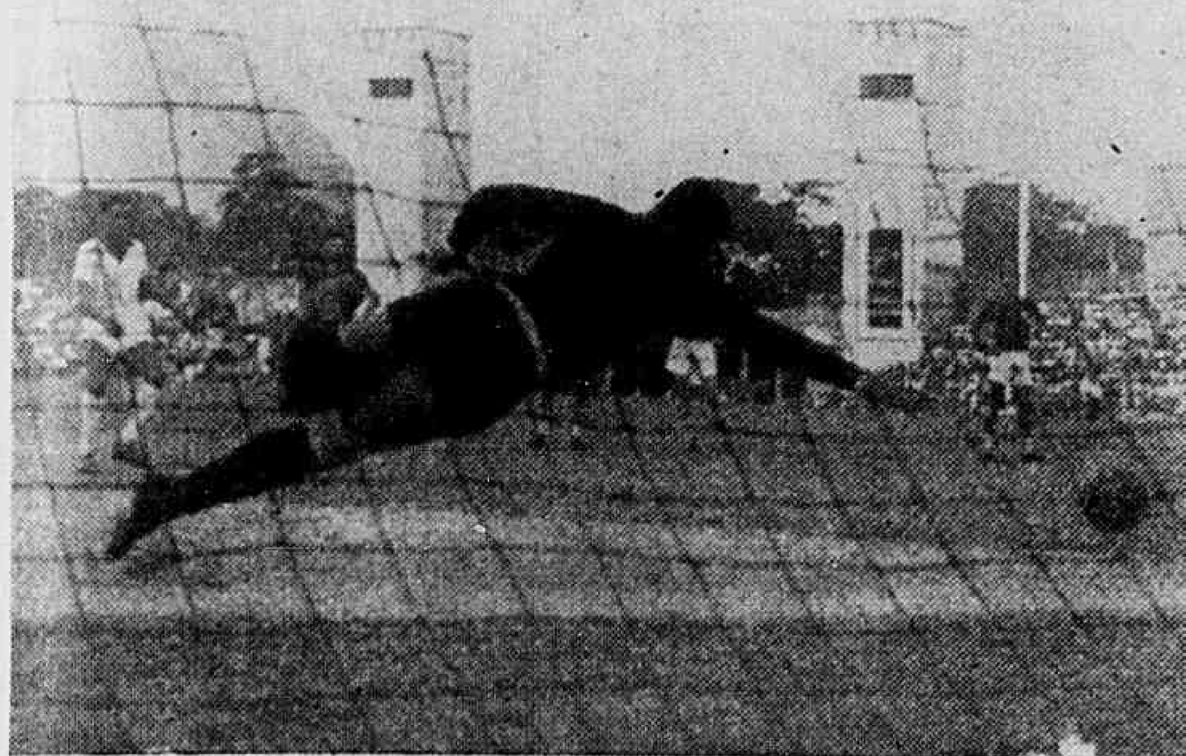
NÃO HÁ ATUALMENTE COISA MELHOR?

ALGUNS integrantes do selecionado mineiro mostraram que não têm qualidades para figurar num scratch. Afonso e Haroldo, por exemplo, são atualmente uma sombra do passado. Lucas apenas deixando ver que o seu tempo já passou. Sabú, Guerino, Edilson, Chiquinho e Petronio, completas negações que apenas serviram para reduzir ainda mais a capacidade da equipe e fazer aumentar as saudades dos bons tempos do futebol montanhês. E os mineiros residentes nesta capital não conseguiam esconder a sua desilusão e interpelavam os jornalistas para indagar se não havia coisa melhor nas Alterosas. Porque a verdade é que, mesmo salientando-se pelo desempenho mais enérgico, nem Gaia nem Lazarotti conseguiram demonstrar boas qualidades técnicas, em que pese terem sido melhor do que os outros, verdadeiras nulidades formando um quadro desconjuntado, sem noção absolutamente nenhuma da prática do futebol, falhando, inclusive, no controle da pelota aqueles que integram a equipe ora em exibição. Faltou muita coisa (inclusive classe) ao quadro mineiro para garantir uma vantagem e assegurar a vitória diante da equipe matogrossense.

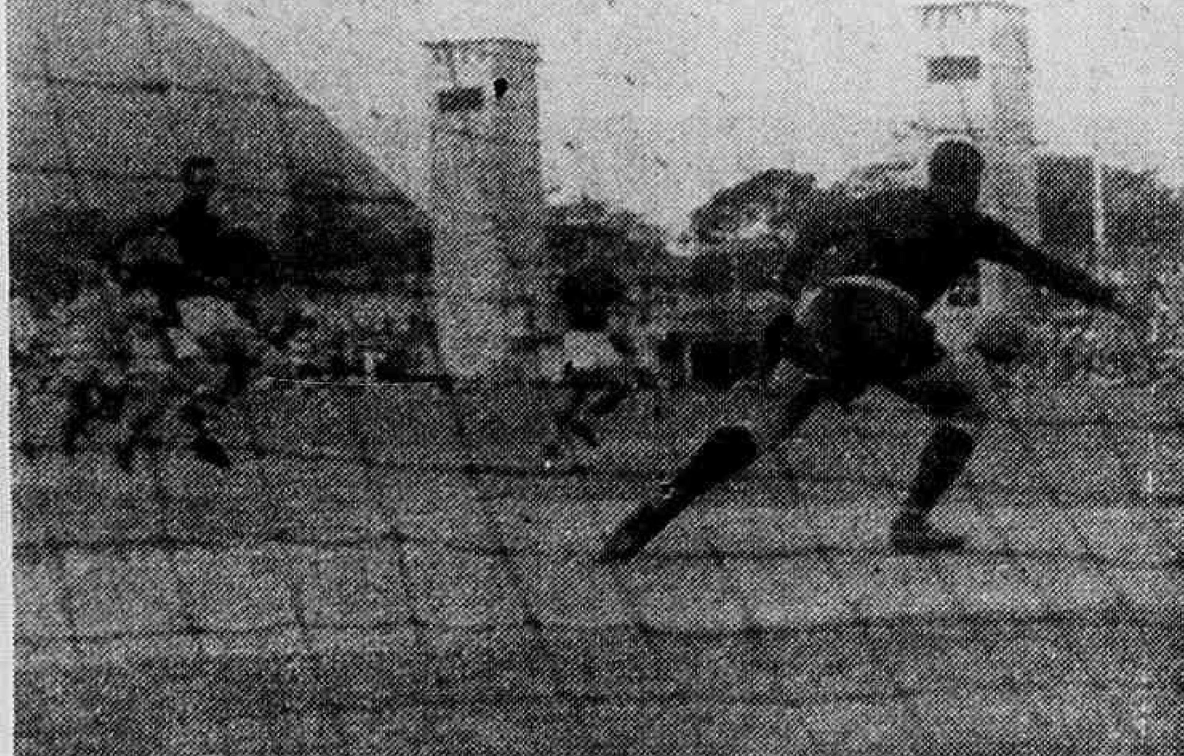
PROGREDINDO O FUTEBOL DO OESTE

NÃO se diga que tiveram os mineiros que enfrentar uma equipe praticando um futebol de melhor qualidade. Técnica é coisa que os matogrossenses ainda não conhecem, sem que não se deva reconhecer que estão progredindo bastante. Mas os jogadores do oeste revelaram muita fibra e muita vontade de vencer. Atuaram à base do entusiasmo, impetuosos e enérgicos, correndo ao encontro da bola onde a mesma estivesse, convencidos de que teriam que lutar para alcançar o triunfo — pois o resultado final, o empate, foi considerado pelos matogrossenses como legítima vitória. Além do mais os jogadores do oeste souberam como explorar as deficiencias da defesa mineira — e particularmente de tôda a equipe mineira, obrigando os mineiros a darem tudo no primeiro período do match e deixando a impressão de que não aguentariam dois tempos se empregando daquela maneira. Realmente, chegou-se a duvidar da resistência física dos matogrossenses — falou-se mesmo entre os jogadores montanheses que êles não suportariam a luta no tempo final. Entretanto, não só fisicamente, como no jôgo praticado, os matogrossenses estiveram melhores do que os mineiros, não só correndo mais como realizando manobras mais eficientes diante da meta adversária, obrigando a defesa montanhesa a fazer perigosas concessões. Desta maneira, o empate, com os dois tentos assinalados pelos matogrossenses, não foi apenas um resultado lógico para o final do match, porque a verdade manda que se diga que os matogrossenses mereciam a vitória, mas o único capaz de refletir fielmente a conduta em campo das duas equipes. Os mineiros sem condições para sustentar a vantagem conquistada no primeiro tempo e os matogrossenses mostrando que poderiam ir mais longe no seu desempenho em busca do triunfo. E entre os matogrossenses vimos alguns jogadores agindo com destaque, como o zagueiro Uir, o médio Paçu e os dianteiros Bananeira, Leonidas e Traçaia — elementos que podem melhorar, que podem progredir, porque possuem reais qualidades.

Fácil Vitória dos Gaúchos sôbre os Paraenses



O primeiro gol dos matogrossenses, no segundo período da partida, marcado por Muriaci, cobrando o penalti concedido pelo zagueiro Afonso. Sinval saltou mas não conseguiu defender.



O segundo gol dos matogrossenses — o tento de empate — consignado pelo meia Traçaia, depois de investir sôbre a área mineira e atirar em boas condições. Também desta vez Sinval tentou defender sem êxito.

Quatro a zero, resultado que não deixou dúvidas sôbre a superioridade dos sulinos

OS gaúchos não encontraram dificuldades para vencerem os paraenses no match disputado no Parque Antártica, na tarde de domingo último. Aliás, os sulinos apareciam como francos favoritos da peleja, não só em face do desempenho diante dos baianos, como porque contam com jogadores de maior categoria. Por outro lado, já se sabia que o selecionado do Pará não está bem servido este ano, sendo mesmo apontada a equipe como a mais fraca até hoje organizada no Estado nortista. Por isso mesmo não causou surprêsa a derrota, como também o fato de que apenas dois elementos se mostraram essenciais à formação do quadro, exatamente os dois extremas, Teixeirinha e Jaime. Os demais exibiram-se em desniveis berrantes, comprometendo bastante a atuação do onze paraense. Os gaúchos, ao contrário, estiveram todos num mesmo plano, agradando pelo trabalho conjuntivo bastante operoso e produtivo.

A maior categoria dos sulinos fêz-se evidente já aos primeiros minutos de jôgo e acentuou-se no decurso da partida, terminando a primeira fase com o marcador a seu favor pela contagem de três a zero. Inteiramente à vontade e com a vitória completamente assegurada, os gauchos perderam todo o interesse pela partida, de que se aproveitaram, embora sem resultados práticos, os paraenses para realizarem algumas incursões perigosas. Contudo, sem maior empenho, os gaúchos vieram novamente ao ataque e acabaram por conquistar o quarto e último tento, vencendo, assim, pela contagem de quatro a zero — com tentos de Jeronimo, Bodinho, Alderi e Luizinho.

Domingo próximo, novamente se enfrentarão as duas equipes, desta feita nesta capital, na cancha do Botafogo. Será a segunda peleja das quartas de final do Campeonato Brasileiro, cabendo ao vencedor medir-se, em seguida, com a seleção paulista.

A QUEM CABERA' ENFRENTAR OS CARIOCAS?

NO domingo que se avizinha, mineiros e matogrossenses disputarão, no campo do Palmeiras, no Parque Antártica, em São Paulo, a segunda partida das quartas de finais. Certamente, as duas equipes vão se empenhar ao máximo — porquanto a vitória dará ao vencedor o direito de disputar a prova semi-final com os cariocas. Não se póde, em realidade, fazer previsões. Talvez, com um melhor conhecimento das deficiências dos mineiros, os matogrossenses venham a conquistar o triunfo. Talvez, porém, os montanheses, com as modificações que se anunciam, venham a melhorar o seu jôgo e sobretudo sua fibra, podendo, então, ganhar o match. Se triunfar os matogrossenses, os cariocas terão de ir enfrentá-los, primeiro, em Cuiabá, e depois aqui. Vitoriosos os mineiros, o match com os cariocas será realizado em Belo Horizonte, o primeiro, e nesta capital, o segundo. De uma maneira ou de outra, isto é, seja qual fôr o adversário dos cariocas, não acreditamos nas possibilidades do seu contendor — os matogrossenses precisando aprender muito mais do que revelaram saber e os mineiros sem nenhuma condição de êxito.

Pra cabeça!



VITALIS, fixador e tônico só para homens, deixa o seu cabelo bem penteado e discretamente perfumado!

VITALIS



7.008-V

... e o tratamento de 60 segundos

CONSAGRAÇÃO PÚBLICA DOS CAMPEÕES

(Conclusão da página 7)

sumidas cerca de três horas, desde o momento em que os jogadores botaram os pés em terra firme, no Galeão.

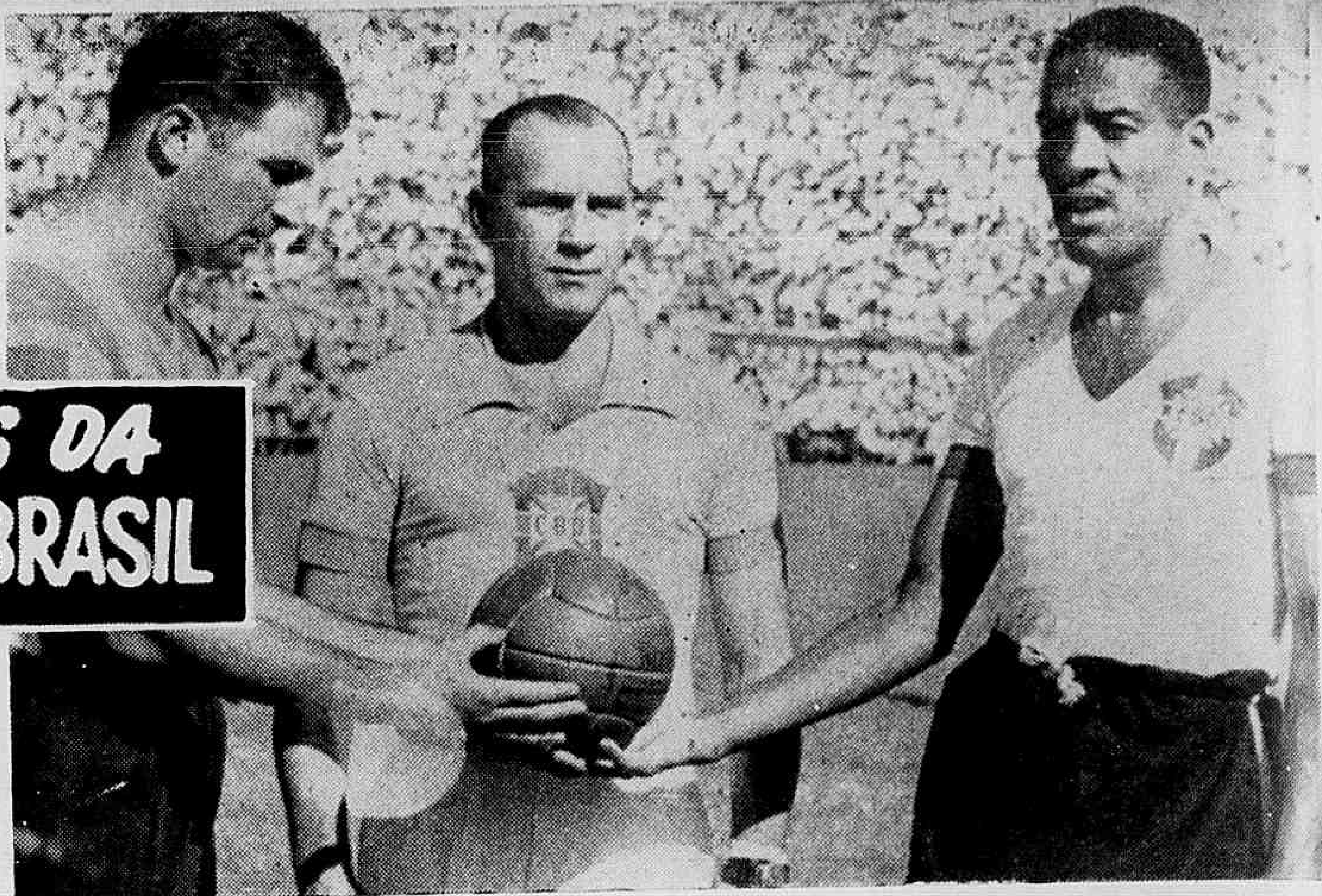
SÓ OS FELIZARDOS VIRAM OS JOGADORES

MAS, apesar da melhor ordem no desfile, nem assim a grande maioria do público viu seus jogadores, exceção feita a Pinheiro, ao goleiro Oswaldo e ao técnico Zezé Moreira, os únicos que podiam ser divisados pela multidão, de vez que os demais estavam em carros fechados, e portanto só as pessoas que se encontravam mais próximas dos automóveis podiam vivar e abraçar os seus craques queridos. E a idéia pouco feliz de alterar o rumo do desfile, levando os carros para a Avenida Presidente Vargas, ao invés do Cais do Porto, como estava assentado, ocasionou um atraso ainda maior, que chegou ao auge, quando o desfile parou na frente da Câmara Municipal, para uma serie de discursos aos jogadores que estavam enfrentando aquela verdadeira Maratona. E quase às vinte e duas horas é que chegaram os sete jogadores que resistiram a toda aquela caminhada, pois muitos, cansados, deixaram o desfile, seguindo o exemplo dado por Eli, que tão cedo viu que as coisas estavam confusas, tomou seu destino. Bigode, Castilho, Pinheiro, Ademir, Arati, Oswaldo e Didi, além dos dirigentes Castelo Branco, Zezé Moreira, Paes Barreto, e o massagista Mário Américo, faltando, portanto, Santos, Gerson, Ipojucan, Friaça, Eli e Ruarinho. Afinal, encerrando os festejos de recepção, falou o prefeito João Carlos Vital, não sem dificuldades, pela invasão do recinto. No aeroporto haviam ficado os jogadores bandeirantes, inclusive Rubens, que seguiram alguns pela Panair, às 17,30, como Brandãozinho, Djalma Santos e Rubens, e às 18 hs., Baltazar, que recebera a notícia de que seu pai passava mal em São Paulo, além de Pinga, Julinho e Cabeção.

Terminou assim a festa dos craques campeões pan-americanos, que os leitores que não estiveram nas ruas bem aquilatam o quanto foi tumultuosa. Poderia ter sido uma grande festa de confraternização entre a torcida e os craques, ficando a prova de que os brasileiros se entusiasmaram ao auge, pelo feito de seus jogadores.

Sua importância na antiguidade e agora — Rubens Sales, o primeiro, em 1914 — Augusto, o mais recente, no Campeonato Sul-Americano de 49 e na Copa do Mundo

OLIMPICUS



OS CAPITÃES DA SELEÇÃO do BRASIL

Salomon, Mario Viana e Domingos, que foi capitão do Corintians em 45 e 46, e nas Copas.

ANTIGAMENTE a importância do capitão no futebol tinha vulto, pois êle participava da constituição do quadro e da orientação e especialmente a voz do comando no gramado lhe pertencia. Caso típico de Rubens Sales, Lagreca, Cantuaria, Neri, etc. Foram os protótipos dos capitães, quer nos seus clubes, quer nas seleções. Em relação ao selecionado brasileiro, teve êle desde 1914, quando jogou pela primeira vez, vários capitães.

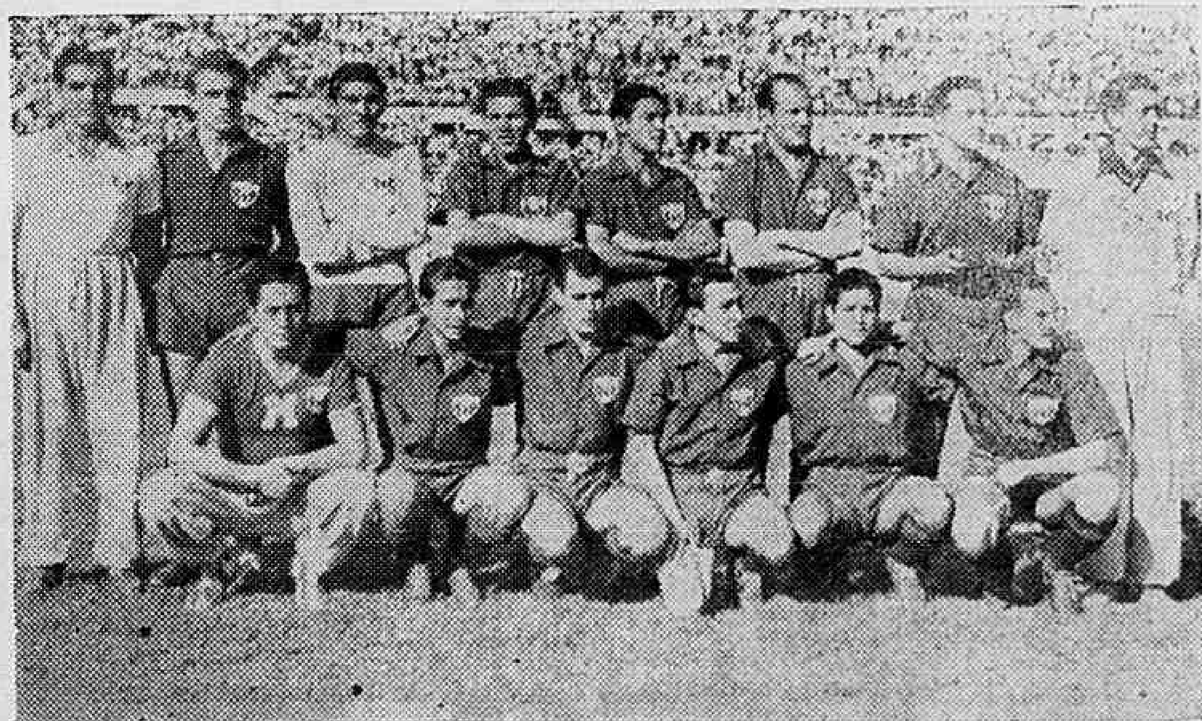
O primeiro, na Copa Roca de 1914, em Buenos Aires, foi o saudoso Rubens Sales. Êle era sempre o escolhido para tal pôsto devido à sua autoridade e à sua energia, que se aliavam ao seu fenomenal jôgo, considerado uma perfeição naquela época. Coube a êle chefiar o "onze" em campo, e o fêz tão bem que o conduziu ao triunfo, além de ter sido êle o autor do gol da vitória, um dos maiores registrados na história do futebol nacional. Era Rubens Sales um jogador que dominava pela sua voz autoritária. Aliás, respeitado pelos seus companheiros e considerado digno de admiração pelos adversários. Foi uma grande figura, Rubens Sales. E foi pena que fôsse aquela a primeira e a única vez que defendera a seleção oficial do Brasil, pois nas demais vêzes que jogou o fêz no selecionado oficioso, ou seja, no combinado Rio-São Paulo.

A seguir, tivemos um outro capitão de grande vaua, que foi Silvio Lagreca, também muito enérgico e além do mais tinha bastante tirocínio para guiar o "onze" em qualquer circunstância que surgisse no gramado. Para se ter uma idéia da energia do Lagreca, basta que citemos o seguinte episódio: no Sul-Americano de 16, os uruguaios machucaram nosso zagueiro Orlando, quando estavam em perigo de perder o jôgo, e não permitiram que fôsse substituido, alegando que as regras não o admitiam. No ano seguinte, no campeonato Sul-Americano de Montevidéu, o nosso médio direito Ademar teve uma súbita indisposição e foi obrigado a deixar o campo, ficando os brasileiros com 10 jogadores. Nesta altura, a vitória do Uruguai já estava garantida, pois que nessa infeliz partida os brasileiros apanharam por 4 a 0. Então, os orientais quiseram, num ato de gentileza, consentir que Lagreca substituisse o médio-direito brasileiro, mas Lagreca lembrou o episódio de 1916 e disse que não substituiria o jogador adoentado, e assim preferiu jogar com dez, para que os uruguaios lembrassem o seu gesto do ano anterior...

Em 1919, ano glorioso da conquista do primeiro Campeonato Sul-Americano pelo Brasil, a seleção brasileira teve como capitão um outro glorioso jogador. Êste foi Arnaldo Silveira, que já ocupava êsse cargo no quadro do Santos. Arnaldo desincumbiu-se muito bem dessa tarefa, sagrando-se campeão ao lado dos seus demais companheiros.

Já no quadro campeão sul-americano de 1922, o capitão passou a ser outro protótipo de craque, que nasceu para o futebol, para ser capitão: Amilcar, então capitão do Corintians e da seleção paulista, e no apogeu da sua gloriosa carreira. Amilcar dirigia também com grande autoridade seus companheiros.

Outros capitães teve o selecionado brasileiro, em várias ocasiões. Não podemos deixar de lembrar a figura de Jaú, o fogoso e acrobático zagueiro que naquele tormentoso Campeonato Sul-Americano de 1937, em Buenos Aires, foi um leão na nossa área, com grande espírito de luta e de sacrifício. Basta dizer que no desempate do título, aos 3 minutos de jôgo, um avante



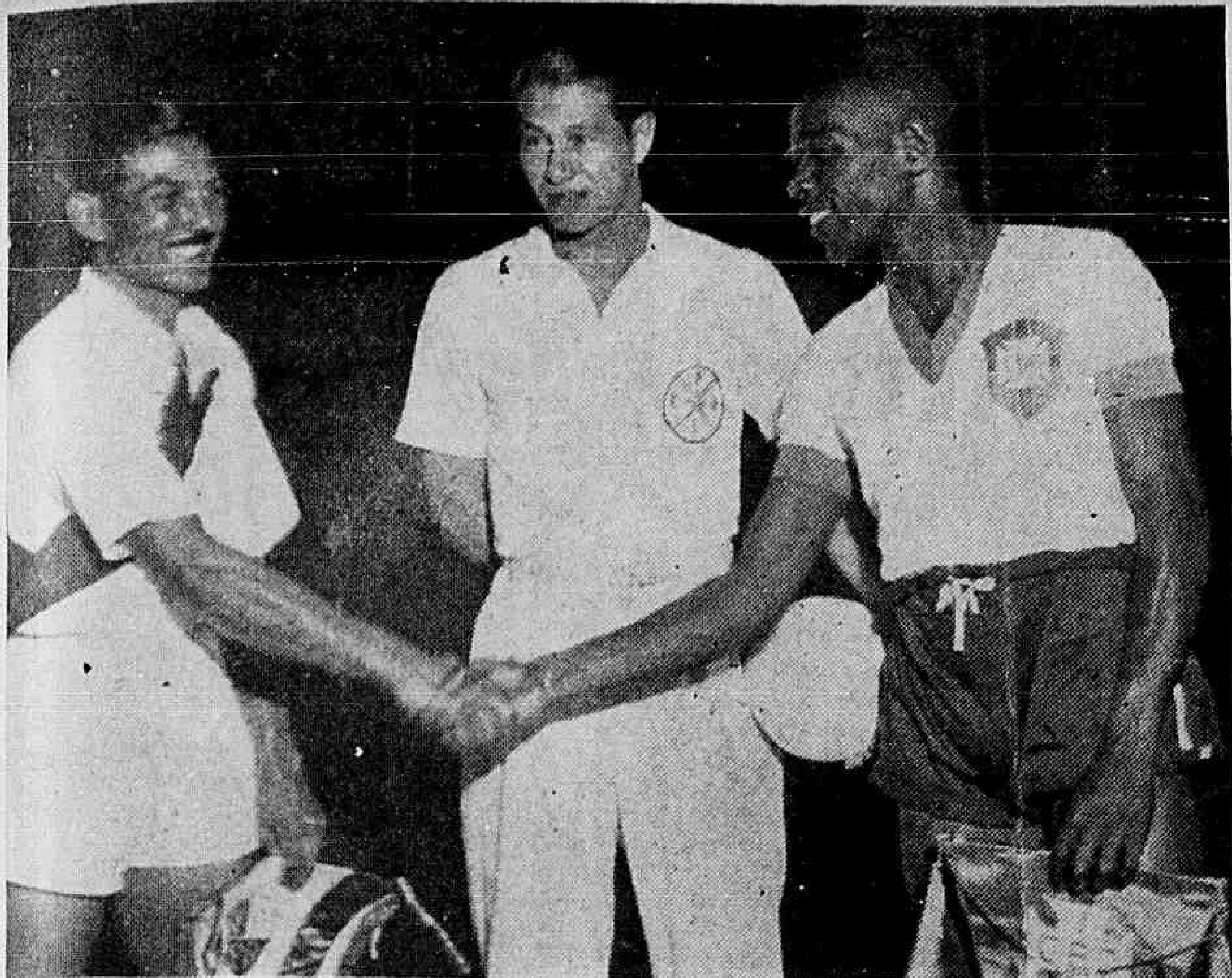
O time do México no Chile

E' ASSIM O

SANTIAGO, abril — (De Geraldo Romualdo da Silva, especial para O GLOBO SPORTIVO) — O futebol mexicano tem certas semelhanças com o futebol chileno. E isso pode ser observado em múltiplas facetas. Mas no que êles mais se parecem é justamente no meio de subsistência. Por exemplo, o Club León, que acaba de ganhar o título de 1952, não tem socios próprios. Explica-se: seus socios pertencem ao clube "Unión de Curtidores", de onde, por sinal, geralmente tira reforços para as suas equipes superiores, até inferiores mesmo.

"DEFICIT"

O LEÓN comumente apresenta um "deficit" anual de dois milhões de cruzeiros; o Club Necaxa tem como anteparo o "Sindicato dos Eletricitas"; o Tampico vive praticamente às expensas do "Clube dos Petroleros", todos em contraste com o Oro, que possui estádio e corpo social, ao passo que o Guadalajara tem sócios e não tem estádio...





Brandão foi o capitão da seleção do Brasil em 1942, data desta fotografia. Ao lado, Augusto, capitão do sul-americano de 49, em companhia do juiz Carlos Oliveira Monteiro.

contrário o pisou brutalmente, quase lhe fraturando um braço. Pois bem. Jaú, dando um grande exemplo de abnegação aos seus companheiros, colou o braço no corpo e assim ficou lutando durante aquelas duas horas que durou o desempate, e as chanfalhadas também para perdermos o título.

Na Copa do Mundo de 1938 o escolhido para ser o capitão do quadro foi o centro-médio Martim, que já se vinha sobressaindo na qualidade de capitão do Botafogo. Martim desempenhou muito bem a sua missão, naquele épico certame. Naturalmente, sua voz autoritária já não poderia ser a mesma que era dos outros capitães, no tempo do amadorismo, porque agora, com o profissionalismo, as instruções vinham do técnico, à margem do campo ou nos vestiários. Perdera muito a influência do capitão antigo.

Em 1942 o capitão da seleção do Brasil foi o centro-médio Brandão, que já vinha sendo capitão do Corintians e do selecionado paulista. Já estávamos, pode-se dizer, nos tempos atuais. Domingos da Guia passou a ser depois o capitão, quer no campeonato de 45, quer no de 46 e nas Copas.

A seguir, desaparecendo Domingos da seleção, passou a ser o capitão o zagueiro Augusto, que foi quem ocupou êsse pôsto no Campeonato Sul-Americano de 1949, que vencemos, e na Copa do Mundo, de 1950. Agora, naturalmente, surgirá o novo capitão. Se fossemos levar em conta a antiguidade dos jogadores no selecionado, o capitão deve ser Zizinho, que estreou na seleção brasileira em 1942.

Jaú, a grande figura do sul-americano de 37, troca cumprimentos com o capitão do quadro adversário.



Futebol MEXICANO

RIVAL DE MORTE: O TOUREIO

O GRANDE rival do futebol mexicano é o toureio, é, ou seja, as coridas de touro, isto é, as touradas.

Por causa das touradas, os jogos de futebol devem ser disputados ao meio-dia ou, então, à noite, nunca no horário das corridas.

Querem saber de outra coisa bastante curiosa? O recorde de arrecadação em uma partida de futebol, de caráter internacional, é bom notar-se, está estimada, por enquanto, em 300 mil pesos mexicanos. Uma arrecadação normal quase nunca ultrapassa à casa dos 25 mil pesos.

Desta feita o León deu ao scratch nove jogadores; o Necaxa deu quatro; o Oro deu dois; o Guadalajara deu dois; o Tampico deu um e o Atlas também deu um apenas.

Atualmente o título de campeão norte-americano de futebol está em poder dos astecas, vencedores dos Estados Unidos, de Cuba e Canadá (o que não chega a ser muito difícil, está visto...)

CIFRAS E CORES

O MÉXICO teve sua época, quando, como aconteceu recentemente à Colômbia, deu-se ao luxo de importar jogadores às custas da pirataria. Agora, não existe mais pirataria. Além disso, o número de estrangeiros para cada equipe está limitado, mas, não obstante isso, lá ainda atuam espanhóis, costarriquenhos, argentinos, peruanos e até uruguaios. Um profissional mexicano percebe, entre luvas e ordenados, de 15 a 20 mil pesos anuais, o que verdadeiramente não chega a ser muito. As transferências são raras, mas existem, e o recorde pertence a "Dumbo" López, do Club León, pelo qual o Club Atlas pagou 45 mil pesos. Via de regra o profissionalismo é feito pela metade. Battaglia, por exemplo, possui uma fábrica de sapatos; Lamadrid é engenheiro (químico industrial), Roca e Garcia Velez são contadores.

Doze associações estão vinculadas à Primeira Divisão e pertencem a diferentes Estados e cidades. Como México, Guadalajara, Puebla, Veracruz, Tampico, Guadalupe, León e Zacatepec.

TUDO PELOS OLHOS DA CARA...

NO México também tudo sobe, de maneira que, paralelamente com o custo normal de vida, subiu astronomicamente o preço dos craques, o preço do espetáculo, etc. Assim é que as antigas galerias, que custavam sòmente três pesos, valem agora seis; as tribunas que custavam quatro agora valem dez.

O problema, por assim dizer, do futebol mexicano é o estádio, no bom sentido de estádio próprio. O Oro arrenda o que é seu por 50 mil pesos mensais, e atualmente a crise ameaça atingir o Oro também, pois o Estado está construindo uma praça com capacidade destinada a 100 mil pessoas (sentadas).

A temporada oficial vai de julho a janeiro e a temporada do toureio idem. Por enquanto quem manda mais é touro, que ainda dispõe do melhor horário (quatro da tarde). De forma que não resta ao futebol senão aceitar o sol do meio-dia. Quando mais não seja para libertar o espectador o resto do dia...

A REVISTA SESINHO

NA OPINIÃO DE MESTRES E EDUCADORES

"Tendo dispensado atenta leitura a alguns exemplares de "Sesinho", posso externar com segurança o meu juizo de educador. Trata-se de revista cuja circulação entre educandos as casas de ensino podem autorizar e mesmo recomendar, por isso que é um excelente auxiliar do ensino, mercê da orientação pedagógica e inteligente com que é redigida. Digna de aplausos e de louvor a intenção e a habilidade com que se alcança em cheio o seu duplo objetivo: educar, divertindo".

a.) BRENO VIANA, diretor do Ginásio "Nogueira da Gama". Guaratinguetá — Est. de São Paulo — 5-6-50.

* * *

"Logo ao percorrer as interessantes páginas de "Sesinho" fiquei admirado pela boa apresentação da revista. Não há dúvida que todos os meninos que lêem a revista ficam encantados".

a.) IRMÃO ROSARIO, c.c. Juvenato "Sagrado Coração" — Campanha — Sul de Minas — 29-1-50.

* * *

"Agradeço o interessantíssimo exemplar de "Sesinho" e, exprimindo meus entusiásticos aplausos pela iniciativa, peço o favor de remeter outros exemplares para propaganda entre os alunos deste educandário".

a.) PADRE NORBERTO DIDONI — Colégio "São José". — Pouso Alegre — Minas — 1-3-50.

* * *

"Examinando a revista "Sesinho" achei-a útil e interessante. Rogo-lhe, pois, a fineza de remeter-me, se possivel, os números já publicados, de incluir o nome do nosso Colégio na lista de seus assinantes".

a.) IRMÃ NAZARETH DA TRANSFIGURAÇÃO — Conceição do Mato Dentro — Minas — 5-2-50.

* * *

"Chegou-nos às mãos um dos números da revista "Sesinho". Tendo-a apreciado grandemente, solicito o obséquio de enviar-me alguns exemplares, a fim de distribuí-los entre os alunos dêste ginásio".

a.) JOÃO CAMARGO MONTEIRO — Diretor do Ginásio e Escola Técnica de Comércio "Barão de Antonina" — Mafra — Est. de Sta. Catarina — 27-1-50.

"Tendo lido com grande apreciação dois números da nova e interessante revista "Sesinho", venho pedir a V.S. a fineza de enviar-me outros números de propaganda. As crianças do curso primário irão gostar muitissimo e certamente concorrerão para uma assinatura anual".

a.) IRMÃ HELENA (Filha da Caridade) — Diretora do Colégio "N. S. da Conceição" — Serro — Minas — 7-3-50

* * *

"Agradàvelmente surpreendido pela oferta amável de tão bela quanto útil revista infantil como o é o "Sesinho", venho, por meio desta, solicitar-vos material de propaganda a ser feita aqui neste ginásio. Creio terá esta vossa revista farta aceitação, embora já circulem algumas do mesmo gênero. Em o "Sesinho", porém, há uma particularidade que não possuem as outras congêneres: talvez por isto tenha ela mais aceitação: é o colorido das figuras. Para a criança não há como a côr".

a.) IRMÃO ROMANO — Ginásio "Santo Antonio" — Garibaldi — Rio Grande do Sul — 8-2-50.

* * *

"Estou certa de que as crianças muito apreciarão esta revista que visa educá-las, moral e intelectualmente".

a.) IRMÃ AFONSINA DE OLIVEIRA — Diretora das Classes, Anexas à Escola Normal "N.S. de Nazaré" — Conselheiro Lafaiete — Minas — 8-2-50.

* * *

"Agradecendo a honrosa oferta dessa interessante revista, pedimos a V.S. que nos remeta mais alguns exemplares, a fim de promovermos a sua difusão entre os estudantes dêste estabelecimento".

a.) PEDRO FELICIO — Diretor da Escola Técnica de Comércio do Crato — Estado do Ceará — 1-2-50.

* * *

"A revista "Sesinho" foi aceita com júbilo por parte de nossos alunos".

a.) IVONE FRANCOZO — Diretora do Curso Primário do Colégio Estadual e Escola Normal "Dr. Francisco Thomaz de Carvalho" — Casa Branca — Est. de São Paulo — 10-3-50.

S E S I N H O

REVISTA DA CRIANÇA INTELIGENTE

APARECE NOS DIAS 15 DE CADA MÊS

DOIS CRUZEIROS

O EXEMPLAR EM TODO O BRASIL

Barbosa



QUEM DESCOBRIU O ARQUEIRO **BARBOSA** FOI O PONTEIRO **RODRIGUES** DO PALMEIRAS
BARBOSA SE EXPRESSA MUITO BEM AO MICROFONE... QUEM SABE SE NÃO SE TORNARÁ UM CRONISTA RADIOFÔNICO?



UM JOGADOR CHUTA SE ESTE JOGADOR É DE UM CLUBE PEQUENO **BARBOSA** DEFENDE COM FACILIDADE
MAS SE ESTE MESMO JOGADOR FOR DE UM GRANDE CLUBE **BARBOSA** DEFENDERÁ COM DIFICULDADE ...
SE O ATACANTE USAR UMA CAMISA DE SCRATCH... ÀS VEZES A BOLA ENTRA ...
POR ISSO **BARBOSA** APEZAR DE SER UM DOS MAIORES ARQUEIROS BRASILEIROS DE TODOS OS TEMPOS NÃO SE DÁ BEM EM SELECIONADOS ...
BARBOSA PASSOU UM TELEGRAMA DE ESTÍMULO AOS SCRATCHMEN QUE ESTAVAM NO CHILE COM ESTE SEU GESTO **BARBOSA** SUBIU MUITO NO CONCEITO DA TORCIDA
SENTI AS MESMAS EMOÇÕES COMO SE ESTIVESSE JOGANDO!

